



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
SOL – Departamento de Sociologia

**PROSTITUIÇÃO NO MUNDO LÍQUIDO:
Por uma análise dos modelos de prostituição e das relações
afetivas e sexuais na atualidade**

Autor: Lucca Arcírio Toscanini

Brasília
2018



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
SOL – Departamento de Sociologia

**PROSTITUIÇÃO NO MUNDO LÍQUIDO:
Por uma análise dos modelos de prostituição e das relações
afetivas e sexuais na atualidade**

Autor: Lucca Arcório Toscanini
Orientadora: Profa. Dra. Analia Laura Soria Batista
Banca: Tânia Mara Campos de Almeida

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial de avaliação para obtenção do título de graduação em Sociologia.

Brasília
2018

RESUMO

Resumo: A pesquisa em questão busca abordar diferentes meios de prestação de serviço na prostituição feminina, partindo da análise dos meios atuais, mais especificamente a prostituição de pista (usando como referência a W3 Norte, em Brasília) e a prostituição virtual (com foco em sítios, fóruns virtuais e aplicativos de relacionamento). O objetivo é qualificar esses meios de prestação de serviço na prostituição atual, dando foco para suas características contextuais e sociológicas, por meio de análise comparativa entre esses meios e aqueles de diferentes modelos paradigmáticos da prostituição, observando sempre o contraste entre os papéis e funções da afetividade e as relações comerciais em diferentes contextos históricos e socioeconômicos, bem como as estratégias usadas tanto por parte da garota de programa quanto por parte do cliente, na busca de seus respectivos objetivos. A investigação dos modelos de prostituição na atualidade serve para ajudar na compreensão de características mais gerais dos relacionamentos afetivos e sexuais, experimentadas no contexto da chamada *modernidade líquida*, uma vez que esses modelos estão intimamente relacionados com o *modus operandi* e a lógica vigente da cultura consumista na sociedade globalizada atual.

Palavras-chave: Prostituição, Relações Afetivas, Modelos Paradigmáticos, Modernidade.

ABSTRACT

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
METODOLOGIA.....	8
Capítulo 1 – SOLITÁRIOS, COMPRAMOS.....	12
1.1 Entendendo o <i>homo consumens</i>	12
1.2 Amor e sexo no mundo líquido.....	16
1.3 Redes sociais: um espaço para a autopropaganda	23
Capítulo 2 – AS PROSTITUTAS DO MUNDO LÍQUIDO.....	28
2.1 As prostitutas de ontem e de hoje: estigma de trabalho sujo	28
2.2 A Prostituição de Pista	38
3.3 Prostituição Virtual	43
Capítulo 3 – OS CLIENTES DO MUNDO LÍQUIDO	54
3.1 Relações afetivas subjetivas do <i>homo consumens</i>	54
3.2 Consumindo Prostituição no Mundo Líquido.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS.....	67

INTRODUÇÃO

A prostituição é uma atividade presente em toda história das sociedades humanas, ganhando formas e características específicas dependendo do contexto e da cultura na qual se manifesta. Por meio da análise dessas características, podemos compreender aspectos mais amplos de determinada sociedade. No caso desta pesquisa, a análise da prostituição na atualidade serve para esclarecer, ou pelo menos aprofundar, a compreensão das formas e características dos relacionamentos afetivos e sexuais na modernidade, mais especificamente na modernidade líquida. Primeiramente aparece o desenvolvimento teórico do contexto social abordado, no caso, a modernidade líquida e suas formas específicas de comportamento, afetividade e socialização humana, buscando, por meio da explicação de determinados conceitos-chave da obra de alguns autores, esclarecer a relação do modelo socioeconômico vigente, baseado na racionalidade de consumo, com o comportamento do indivíduo líquido moderno, que chamaremos aqui de *homo consumens*.

No Capítulo 2, intitulado *As prostitutas do mundo líquido*, é abordado o desenvolvimento do estigma da prostituição ao longo de alguns períodos da história ocidental, visando traçar e compreender algumas das representações sociais que circundam a prostituição, as prostitutas e os clientes, no contexto atual da modernidade líquida. No segundo e terceiro tópicos do capítulo, são levantadas questões acerca da relação dos modelos de prostituição de pista e virtual, com a racionalidade da sociedade de consumo atual. Esses modelos são contextualizados a partir da análise da atividade na avenida W3 Norte, em Brasília-DF, com sua forma específica de prestação de serviço, o *fast-foda*, além da análise dos sites *socinquenta.com*, *capitalsexy.com* e *gpguia.net*, caracterizados, em geral, por uma prestação de serviço baseada em *autenticidade demarcada* (BERNSTEIN, 2008).

Tendo em mente todas as relações traçadas entre o comportamento relacional-afetivo do *homo consumens* e a racionalidade própria da modernidade líquida, além da relação entre as características específicas dos modelos de prostituição aqui abordados e essa mesma racionalidade, retomaremos no Capítulo 3, intitulado *Os clientes do mundo líquido*, o tema da prostituição, mas, dessa vez,

partindo da análise do comportamento específico dos clientes dos modelos citados, com base em entrevistas semiestruturadas (SILVA, 2016, apud COLOGNESE, 1998) e observação dos comentários e avaliações dos serviços prestados pelas garotas, compartilhados por eles mesmos no fórum *gpguia.net* e no sítio virtual *socinquenta.com*, de forma a relacioná-los ao *modus operandi* da sociedade de consumo atual e, portanto, ao comportamento específico do *homo consumens*.

METODOLOGIA

O tema referente à pesquisa vem sendo investigado desde 2016, quando comecei a elaborá-lo para concluir a matéria de métodos e técnicas em Antropologia Social. Na época, eu pretendia me habilitar em Antropologia, mas acabei mudando de ideia e optei pela Sociologia no semestre em que terminei a primeira habilitação em licenciatura - Ciências Sociais. Ao iniciar métodos sociológicos, matéria pré-requisito para graduação em Sociologia, retomei o tema e aprofundei a ideia, relacionando os modelos de prostituição atual ao conceito de modernidade líquida. A partir daí iniciei uma intensa leitura sobre o tema da prostituição e o da modernidade, buscando relacionar os conceitos desenvolvidos na interpretação da modernidade (sólida e líquida) com outros usados para interpretar as formas de prostituição atuais. Baseado na análise e investigação do contexto da prostituição de pista na W3 Norte e da prostituição virtual nos sítios socinquenta.com, capitalsexy.com e gpguia.net, foi estabelecida uma conexão entre esses modelos e o comportamento do *homo consumens*, focando em suas relações afetivas pautadas na lógica cliente-mercadoria, própria da sociedade de consumo atual.

No primeiro capítulo, as pessoas entrevistadas eram, em boa parte, conhecidas ou amigas, mas também tive contato com pessoas desconhecidas através de grupos de 'whatsapp' (aplicativo de comunicação). Abordei essas pessoas de forma descontraída, através de entrevistas semiestruturadas nas quais há um roteiro prévio, mas podem surgir novas questões e temas, a depender da interação com o entrevistado (SILVA, 2016, apud COLOGNESE, 1998). Muitas das entrevistas foram rápidas, devido ao desinteresse de algumas pessoas em dizer e refletir sobre sua opinião particular. Outras, no entanto, foram demoradas e cheias de detalhes, onde o entrevistado demonstrou interesse em refletir e conhecer mais sobre o meu tema e a relação que eu buscava estabelecer com o comportamento dele. Com base nas falas e reflexões, tentei construir um quadro de representações do comportamento dos entrevistados associado ao conceito de modernidade líquida e *homo consumens*, de forma que esses conceitos pudessem ser visualizados nas respostas obtidas através da entrevista. Dezoito pessoas foram entrevistadas para contemplar a proposta do Capítulo 1 (algumas aparecem também ao longo do

trabalho), nas quais oito foram entrevistadas pessoalmente, muitas vezes descobrindo, posteriormente, que a conversa se tratava de uma entrevista para o meu TCC, e 10 através do whatsapp, onde tive contato com conhecidos, desconhecidos e pessoas de outras regiões do País. As perguntas eram a respeito de seus relacionamentos afetivos passados (ou atuais) e suas pretensões futuras. Também perguntei sobre a influência das redes virtuais (instagram e tinder), na forma como se relacionam afetivamente, buscando entender, com base no relato dos dramas individuais de cada entrevistado, a relação de seu comportamento com a racionalidade da sociedade de consumo atual. Apenas recortes das entrevistas foram aqui expostas e nem todas foram citadas ao longo do trabalho, embora tenham ajudado na construção do quadro de representações que busquei contemplar.

Através do método etnográfico, abordei o contexto de prostituição de pista na W3 Norte, em Brasília-DF, e o de prostituição virtual através dos sítios socinquenta.com, capitalsexy.com e gpguia.net, a fim de desenvolver as noções que foram apresentadas mais especificamente no Capítulo 2. Comecei a investigar esses contextos específicos desde 2016, quando fui algumas vezes para a W3 Norte observar como se dava o movimento e a forma como as garotas interagem com os clientes que as abordavam de dentro de seus carros. Na época, a proposta da pesquisa ainda não estava clara na minha mente, mas muitas das impressões que tive, ao passar pelo local e conversar com as garotas, permaneceram significativas para a realização da pesquisa. Desde 2017, quando me matriculei na disciplina de métodos sociológicos, consolidei minha proposta e retomei a abordagem do campo na W3 Norte. Através do método de observação participante, passei durante alguns dias a pé, pelo local, para observar a atividade, às vezes perguntando uma informação ou outra para as garotas que encontrava pelo caminho, como se fosse um cliente interessado. Quando me senti mais familiarizado com a proposta da prestação de serviço da W3 Norte e comecei a encontrar conexões desse modelo com as referências teóricas em que estava me apoiando, passei a abordar as garotas com base também em entrevistas semiestruturadas, visando entender as características e especificidades de seu serviço, bem como suas estratégias usadas para realização de seus objetivos individuais. Entrevistei seis garotas na avenida W3

Norte, desde 2017. Seus nomes profissionais foram preservados em um combinado prévio, que fiz com cada uma das garotas abordadas, antes de iniciar a entrevista.

Em relação à prostituição virtual, foi feita uma abordagem etnográfica dos sítios citados, analisados ao longo de um período de aproximadamente 5 meses, de forma que fosse possível observar toda a estrutura e forma de exposição dos anúncios, bem como a interação dos clientes no fórum e no socinquenta.com. Tive contato direto também, via whatsapp, com um dos administradores do sítio socinquenta.com, que aceitou ser entrevistado. Consegui entrevistar seis garotas que anunciavam pelo socinquenta.com em três momentos diferentes, ou seja, duas garotas entrevistadas por vez. Em cada uma dessas entrevistas, eu fui ao local de atendimento das garotas, que aceitaram fazer a entrevista, combinada pelo mesmo número de telefone que combinam o encontro com clientes. Em todas as entrevistas fui recebido pelas garotas que vestiam só roupa íntima e conversaram comigo em um dos quartos do apartamento. Normalmente, eu marcava de conversar com apenas uma, a que me atendia no telefone, mas nas três situações uma das colegas de serviço sentiu-se interessada em participar. Em duas das ocasiões, havia três garotas no local, e enquanto eu entrevistava duas delas, a outra estava atendendo um cliente no quarto ao lado. Isso não prejudicou a entrevista, pelo contrário, além de criar uma esfera de descontração, o que facilita o acesso às respostas de algumas perguntas que as garotas evitavam esclarecer, presenciar a atividade sexual entre cliente e prostituta, mesmo que de maneira superficial, através dos ruídos que chegavam até mim, no outro quarto, enquanto entrevistava as outras garotas, ajudou a compreender detalhes da prostituição virtual e sua proposta de autenticidade demarcada.

No Capítulo 3 a proposta foi focar nos clientes dos modelos de prostituição contextualmente abordados, de forma que fosse possível estabelecer relação entre seu comportamento nessas esferas e as categorias abordadas, para representar o contexto socioeconômico mais amplo. Muito desse comportamento foi traçado a partir da análise dos comentários e mensagens dos clientes nos sítios de prostituição: socinquenta.com e no fórum virtual: gpguia.net. Dois clientes, no entanto, também foram entrevistados, um pelo whatsapp e outro pessoalmente. Um deles, entrevistado pessoalmente, era um colega, indicado por outros amigos através de grupos de whatsapp, e o outro era um conhecido desse mesmo colega,

que concordou em falar comigo por mensagens. Os dois solicitaram que seus nomes não fossem revelados no trabalho.

Acredito que tanto os colegas que ajudaram, a partir do relato de experiências individuais, na interpretação das relações afetivas atuais, quanto os clientes, prostitutas e o administrador do socinquenta.com, que cederam entrevistas para compreender os campos abordados, contribuíram significativamente para a conclusão deste trabalho, uma vez que seus relatos e opiniões contemplaram claramente a proposta da pesquisa.

Capítulo 1 – SOLITÁRIOS, COMPRAMOS

1. 1 Entendendo o *homo consumens*

A modernidade líquida é um conceito desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman e surge como uma alternativa mais apropriada para a noção de pós-modernidade. Segundo Bauman (2001), a sociedade que entra no século XXI não é menos moderna do que a sociedade que entrou no século XX, é apenas moderna de um modo diferente. A ideia de pós-modernidade seria, então, limitada, pois apesar de reconhecer transformações no período da modernidade, não encontra respostas concretas para o que seja de fato o período em que vivemos. Para tanto, Bauman (2001) divide a modernidade em duas partes: a modernidade sólida, caracterizada pela racionalidade acumulativa do produtor (*homo faber*), pela importância e rigidez das instituições sociais e pela relação estreita entre capital e trabalho, e a modernidade líquida, caracterizada pela racionalidade do consumidor (*homo consumens*), a desintegração da rede social, a derrocada das agências efetivas de ação coletiva e a conseqüente fragilidade dos laços humanos.

A metáfora da liquidez ou fluidez busca caracterizar a facilidade na mudança e transformação das formas. Diferentemente do sólido, que demanda muito esforço, vontade e trabalho para ser transformado ou modificado, o líquido pode ser transmutado com extrema facilidade, ganhando formas diferentes sem muito esforço. A modernidade como um todo, segundo Bauman (2001), é especializada em dissolver os sólidos, ou seja, questionar e transformar as instituições sociais previamente estabelecidas. Dessa forma, podemos dizer que o que muda agora com a concepção de modernidade líquida, é o grau de liquidez. Um dos fatores predominantes para a 'liquidificação' da modernidade, tanto na forma sólida quanto líquida, é o processo de individualização constante, que alcança diversos setores da vida social, resultando na profunda colonização do espaço público pelo privado (essencial para compreender as especificidades da modernidade líquida). Dessa forma, a crescente individualização passa a corroer e desintegrar a cidadania e a coletividade (BAUMAN, 2001). Para esse autor:

Se o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, e se a individualização anuncia problemas para a cidadania e para a política fundada na cidadania, é porque os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos enchem o espaço público até o topo, afirmando-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo mais do discurso público. O público é colonizado pelo privado; o interesse público é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos, melhor). As questões públicas que resistem a essa redução tornam-se quase incompreensíveis (BAUMAN, 2001, p. 51).

O já citado contraste entre as categorias de *homo faber* e *homo consumens* representa bem as transformações que levam à modernidade líquida. O *homo faber* representa a racionalidade da modernidade e do capitalismo pesado/sólido, marcado pela lógica e disciplina fordista e um contexto socioeconômico de conquista territorial imperialista. Nesse contexto específico, era imprescindível a acumulação, a estabilidade, os laços sociais firmes e duradouros, as relações hierárquicas e sólidas de instituições como a família, que tinha um lugar e importância diferente do que se observa no atual período líquido. Na modernidade sólida, o amor e a disposição para procriar eram elementos intimamente relacionados e indispensáveis do sexo do *homo faber*. A capacidade sexual era a ferramenta usada por ele para erigir e manter as relações humanas (BAUMAN, 2004).

Na modernidade líquida, por outro lado, a racionalidade do *homo consumens* ganha força e supera as formas relacionais do *homo faber*, dando início ao período da modernidade e capitalismo líquido/leve. Agora o que caracteriza o consumismo não é acumular bens, mas usá-los e descartá-los em seguida, a fim de abrir espaço para outros bens e usos (BAUMAN, 2004). Compromissos duradouros e engajamentos permanentes aparecem como forma de opressão e incapacitação para o *homo consumens*, que enxerga qualquer vínculo ou imposição externa como um grilhão ou uma porta fechada para novas “possibilidades”. O sexo, que tinha características específicas relacionadas ao modelo de racionalidade sólida do *homo faber*, vinculado à instituição da família e ao modo de vida do produtor, também ganha suas especificidades na modernidade líquida e no modo de vida do consumidor.

Agora, o sexo (ou erotismo) demonstra uma autonomia em relação às esferas da reprodução e do amor (BAUMAN, 1998), em uma escala que até então não se observava, de forma que a performance/desempenho sexual passa a ter importância diferenciada e torna-se uma forte preocupação dos indivíduos líquidos, sempre em busca de novas experiências e satisfação sexual. Sendo assim, somos moldados a partir do contexto da modernidade líquida e da racionalidade de consumidor, como *sensation-seekers* ou buscadores de sensações. Existe uma ânsia por novas experiências e sensações, uma ânsia que não é curada quando o impulso é conquistado/realizado, mas apenas aliviada, dando espaço para novas e incessantes buscas, o que é característico da racionalidade do *homo consumens*, típica do atual grau de liquidez na modernidade, como afirma Bauman (2004, p. 27): “Tal como nos comerciais que anunciavam o surgimento dos cartões de crédito, agora não precisamos esperar para satisfazer nossos desejos”.

A vida é organizada em torno do consumo e orientada pela pura sedução, não mais por regulação normativa. Até a palavra desejo é questionada pelo autor, que conclui o termo ‘*impulso*’ representando melhor as pretensões do *homo consumens*. Infelizmente, essa incansável busca por realização dos impulsos gera uma constante e indissociável insegurança nas relações humanas e sociais, afetando até a formação da identidade individual, uma vez que na modernidade líquida, a busca da identidade é uma tentativa constante de “solidificar o fluido”, “dar forma ao disforme” (BAUMAN, 2001, p. 106). Isso significa que estamos constantemente em busca de definir o que somos, mas esse processo de definição, baseado na cultura consumista própria da modernidade líquida, é sempre frágil e inconstante. Atualmente, o indivíduo expressa a si mesmo por meio de suas posses (FERGUSON apud BAUMAN, 2001) e tem sua ‘liberdade’ pautada na escolha de consumidor.

A necessidade constante de buscar definir a própria identidade pode ser relacionada ao que Anthony Giddens chama de expansão da reflexividade institucional, que é uma característica distintiva de sociedades modernas no passado recente (GIDDENS, 1993). Para esse autor, se pensarmos no conceito de sexualidade, por exemplo, a reflexividade institucional garante uma nova terminologia para compreendê-la, e toda essa rede de conceitos e ideias acaba por transformar e reordenar a própria base da vida social. Por isso, a incorporação

reflexiva do conhecimento resulta também em transformação no processo de formação da identidade individual, que se torna um projeto reflexivo sempre inacabado do 'eu'.

De acordo com esse autor:

Como a loucura, a sexualidade não é um fenômeno já existente, aguardando análise racional e correção terapêutica. O prazer erótico se transforma em sexualidade à medida que a sua investigação produz textos, manuais e estudos que distinguem a sexualidade normal de seus domínios patológicos (GIDDENS, 1993, p. 30).

Já podemos melhor visualizar as características próprias do *homo consumens*, do indivíduo constituído nos moldes da cultura consumista própria da modernidade líquida. É um indivíduo em busca do prazer imediato e passageiro e satisfação instantânea, por isso, está sempre em movimento, mesmo que muitas vezes esse movimento se dê num contexto virtual. Seu único desejo, de fato, é a manutenção da realização de seus impulsos, vivendo numa ânsia por 'novos começos' (BAUMAN, 2008). É um ser que pensa de forma imediatista e em curto prazo, sendo incapaz de se projetar no futuro. Enxerga todas as suas contradições, conquistas e culpas, dentro de um nível privado da realidade, negando-as enquanto consequência de um quadro coletivo ou de relações sociais mais amplas. Está sempre buscando uma narrativa para formular e reformular sua autoidentidade, num processo de constante autogestão ou autoaprimoramento, em busca de aprovação e desejo externo, como se o próprio corpo e a subjetividade não passassem de mercadoria, sem conseguir, de fato, 'solidificar' ou concretizar a própria 'identidade' ou autonarrativa. É, então, um indivíduo inseguro e solitário, desprovido de habilidades de interação social, envolto em vínculos e relações sociais frágeis e flexíveis, vínculos esses que anteriormente (no período sólido) constituíam o alicerce da rede de interações humanas, de acordo com Bauman (2004), que também afirma que:

O único personagem que os praticantes do mercado podem e querem reconhecer e acolher é o *homo consumens* – o solitário, autorreferente e

autocentrado comprador, que adotou a busca pela melhor barganha como uma cura para a solidão... (BAUMAN, 2004, p. 91).

1.2 Amor e sexo no mundo líquido

Você quer saber se vamos nos casar? A resposta é não. Ou se estaremos juntos no próximo ano? Não posso responder isso agora; ainda falta muito tempo até lá. A maioria dos jovens não fica junto por muito tempo. Mas não temos vontade de estar com ninguém mais enquanto estamos juntos. Isto é compromisso, não é? (GIDDENS, 1993, p.19).

Esse trecho tirado do livro *A transformação da intimidade* elucida muito bem o atual comportamento e visão de relacionamento afetivo que o *homo consumens* manifesta. Em um mundo onde a insegurança ocasionada pela fragilidade e flexibilidade dos laços humanos gera mal-estar e solidão, a possibilidade de um relacionamento afetivo pode soar como possibilidade de conforto e segurança. Espera-se, ao encontrar um parceiro, cessar a solidão, ter um socorro emocional, alguém para compartilhar expectativas e experiências, no entanto, como a lógica da líquida modernidade é contrária a instituições fixas, como a do *namoro monogâmico*, existe a possibilidade de que, ao ingressar nesse tipo de relação, os envolvidos se encontrem ainda mais inseguros, contrariando suas expectativas iniciais. A solidão produz insegurança, mas o relacionamento não parece fazer outra coisa (BAUMAN, 2004).

Quando se envolvem, os *homo consumens* costumam ser intensos e apaixonados, mas por pouco tempo, logo, algumas questões começam a aparecer e gerar insegurança, dificultando a relação que já é percebida como um obstáculo. A seguir, alguns depoimentos sobre relacionamentos afetivos:

Pô, eu amo ela (namorada), mas às vezes eu acho que esse não é o momento certo pra namorar. Eu tô novo, sabe como é. Podia tá 'ficando' com tanta mulher, mas abri mão de todas por uma só. Só que não sei quanto tempo isso vai durar, eu gosto dela demais, só que tô muito novo pra casar, e nem quero (Alexandre, 24 anos).

Ela fala que eu sou ciumento, mas ela é muito sacana também. Faz questão de sair sempre só com homem, uns caras que ela diz que são só amigos, mas é tudo ex-namorado. Eu amo ela demais e tento confiar, engulo meu ciúme se não sou chamado de machista e ela fica 'puta' a noite toda (Pedro, 24 anos).

Meu namoro tá bem... bem, mais ou menos, na verdade. Tem algumas coisas me incomodando. Eu já tive muito problema com ele (namorado) por conta de merda que ele fez no instagram. Um monte de menina, o tempo todo, sempre comentando nas fotos dele. A gente brigava muito, até que eu decidi que não ia ter mais ele no meu instagram, a gente se bloqueou pra não ficar se incomodando com besteira, já que ele jurava que não tinha nada com elas e que nunca ia me 'trocar'. Mas esses dias uma amiga minha, que nem sabe que namoro com ele, comentou que ele sempre 'curtia' as fotos dela, que ficava provocando, botando foto sensual o tempo todo(...) Eu fiquei indignada, nem falei nada com ela, que não sabia que ele namorava comigo. Mas falei com ele, né? Muito desrespeito, eu falando que namoro pra todo mundo e ele 'pagando' de solteirão na internet. Quase terminei, foi uma briga feia (Nathália, 23 anos).

Eu tive uma namorada um tempo atrás, muito linda, sexo maravilhoso. A gente se dava bem, mas não tinha nada a ver um com o outro. A gente não tinha nenhum gosto em comum, nem por filme, nem por festa, nem por música. Se eu saísse com os amigos, ela não ia, e eu preferia assim, ficava mais à vontade com meus amigos, podia falar o que quisesse, e também não gosto de misturar essas coisas, imagina se ela continuasse querendo sair com meus amigos quando a gente não tivesse mais junto? (Lucas, 28 anos).

A partir desses relatos, é possível observar algumas das fontes de insegurança no tipo de relacionamento afetivo do *homo consumens*. Percebe-se uma constante preocupação com as oportunidades perdidas, que aparecem no discurso típico de consumidor como verdadeiras 'ofertas' perdidas, traduzidas em lesões profundas em suas possibilidades particulares. Perder a chance de estar com outras pessoas, de ter prazer com outras experiências sexuais e afetivas, de conhecer alguém mais interessante ou mais adequado às suas demandas particulares. Há também insegurança em ser substituído ('trocado' nas palavras da entrevistada), ou traído, ou que o parceiro(a) esteja sempre em busca de novas experiências, esperando uma oportunidade para matar seu impulso por variedade.

Outra coisa que se percebe nos relatos é a possibilidade de distanciamento do relacionamento afetivo em relação aos outros relacionamentos da vida pessoal. É uma possibilidade que reflete insegurança característica da vida individualizada do *homo consumens*. No caso da Nathália, o distanciamento virtual tinha o propósito de sessar a insegurança, mas também foi útil para o namorado manter outros contatos e se passar por solteiro. Ela também comenta que a amiga não sabia do relacionamento dela com o sujeito, demonstrando como o relacionamento se encontrava em uma esfera restrita da vida dos dois, de forma que não fosse empecilho em outras esferas da vida. Algo semelhante ocorre no caso do Lucas, que distanciava sua namorada para se sentir mais à vontade com seus amigos e evitar que ela continuasse envolvida nas outras relações de sua vida, caso terminassem.

Novas concepções de relacionamento afetivo surgem para dar conta dessas contradições, como o “relacionamento aberto” onde os envolvidos se permitem ter relações sexuais com outras pessoas. O fenômeno do poliamor também vem ganhando destaque, onde três ou mais pessoas se relacionam entre si. Esses modelos de relacionamento afetivo podem aparecer como possibilidade de amenizar as inseguranças dos que se envolvem em um relacionamento, mas a verdade é que são ainda pouco comuns e, em geral, soam como possibilidades muito incertas e de difícil projeção, como pode ser visto nas palavras de alguns dos entrevistados:

Acho massa, admiro quem consegue fazer isso aí, se o contexto dos dois permite, pode ser uma coisa boa, mas eu mesmo não tenho interesse, não tenho sangue pra isso, iria acabar me comparando aos outros, o ciúme iria aparecer e acabar dando merda. A monogamia pode ser saudável também. É muito difícil manter um relacionamento saudável com uma pessoa, imagina com dez (Arthur, 24 anos).

Pra mim, relacionamento aberto é balela, se quer transar com mais gente é melhor não dizer que está namorando com ninguém, que seja só amigo colorido (Gabriel, 24 anos).

Se você e a pessoa convivem no mesmo ciclo social pode dar merda, os dois têm de ter muita cabeça. Quando eu morava nos EUA eu conheci gente que tinha

namoro aberto e dava certo, mas eles se conheciam há muito tempo e tinham muita cabeça pra lidar (Pedro, 22 anos).

Pelo visto, a alternativa de relacionamento aberto ainda encontra muita resistência, apesar de já aparecer como possibilidade muito mais plausível do que décadas atrás. É uma possibilidade real, mas não garante o fim da insegurança e, dependendo da situação, pode até agravar. Por mais que os indivíduos que buscam essa forma de relacionamento queiram refutar ou reformular a concepção de relacionamento previamente estabelecida (e esse tipo de reformulação é típica do processo de 'liquefação' das instituições sociais na modernidade), é importante que os envolvidos estabeleçam bem seus limites e regras no relacionamento aberto, algo que demanda muita responsabilidade emocional com o parceiro, e isso pode ser uma dificuldade para a racionalidade típica do *homo consumens*. Segundo Bauman (2004), envolver-se sem ressalvas em um relacionamento afetivo liquefeito é um risco muito grande, pois ao investir fortes sentimentos na parceria e fazer um pacto de fidelidade, o indivíduo torna-se dependente de seu parceiro e, dessa forma, tem responsabilidade moral sobre o outro. Além disso, nenhum vínculo parece ter força suficiente para garantir, com certeza, que o outro esteja tão envolvido e preocupado com a relação quanto você. Nada concede a certeza de que o parceiro não vá abandonar a relação e há muito pouco que se possa fazer em relação a isso. Para o parceiro, você é a ação a ser vendida ou o prejuízo a ser eliminado.

O *homo consumens* está sempre em busca de novidade, sendo assim, a dependência ou a simples responsabilidade com outra pessoa pode parecer um obstáculo grande demais para sua 'liberdade de consumidor'. Por mais que possa existir sentimento, qualquer relação pode perder o interesse e o significado caso outro alguém apareça como uma possibilidade mais interessante. Por mais envolvidos que estejam, os parceiros afetivos da atual modernidade líquida parecem sempre priorizar seus interesses e prazeres individuais e, dessa forma, atuam na lógica de consumidor, descartando sem dificuldade o companheiro atual quando uma novidade aparece e, mesmo que não abandonem o relacionamento imediatamente, o 'tesão', com a possibilidade de novas experiências, acaba ocupando parte significativa da imaginação de quem se envolve em um relacionamento afetivo e essa possibilidade gera insegurança, levando muitas vezes ao fim da relação.

Para compreendermos as transformações que se deram no campo da sexualidade e da afetividade com a chegada da modernidade líquida, é necessário entender o que Giddens (1993) chama de revolução sexual, mais especificamente a revolução na autonomia sexual feminina. O ‘florescimento da homossexualidade’ também é um dos fatores dessa revolução sexual. É uma revolução que encontra força discursiva/reflexiva em movimentos sociais da década de 1960, mas que só foi possível por diversas e profundas transformações ao longo dos últimos séculos. Uma delas foi a possibilidade de controle de natalidade, principalmente por parte das mulheres, com fármacos anticoncepcionais, algo que distanciou de vez a relação sexo-reprodução, possibilitando novas formas de relacionamento afetivo e sexual.

Na Europa pré-moderna, lembra Giddens (1993), a maior parte dos casamentos eram contraídos por interesses e relações econômicas e não puramente afetivos ou baseados em alguma noção de amor apaixonado. Para os pobres, o casamento era um meio de organizar o trabalho agrário; para a aristocracia, servia como meio de estabelecer relações diplomáticas entre famílias, a fim de perpetuar o poder ou favorecer a linhagem. O amor romântico, típico da fase sólida da modernidade, introduz a ideia de uma narrativa para uma vida individual e ‘livre’, como afirma esse autor: “O romance, como foi entendido do século XVIII em diante, ainda possuía ressonâncias de concepções anteriores do destino cósmico, mas as mesclava a uma atitude que ansiava por um futuro livre” (GIDDENS, 1993, p. 52).

O amor romântico surge em um contexto onde a criação do lar, a mudança na relação entre pais e filhos e a concepção de maternidade eram novidade fundamental na reorganização das relações humanas. O ideal de amor romântico foi fundamental no desenvolvimento de um controle sobre a mulher ao subordiná-la ao lar, às tarefas domésticas e à maternidade. No entanto, a ideia de amor romântico traz consigo o conceito de ‘pra sempre’, ‘alma gêmea’, e os envolvidos buscam a união apoiando-se um no outro, idealizando e projetando um curso do desenvolvimento futuro (GIDDENS, 1993). Essa, talvez, seja a grande dificuldade da permanência desse tipo de proposta na modernidade líquida, em que a dificuldade de se projetar no futuro, ainda mais um futuro compartilhado, aparece como tarefa quase impossível e até indesejada. No amor romântico, a pessoa com a qual se relaciona preenche um vazio que muitas vezes não era reconhecido, revelando uma

representação de autoidentidade, pois, em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro. Para esse autor, a conquista do coração do outro é, na verdade, um processo de criação e uma narrativa biográfica mútua.

Com o processo de individualização cada vez mais acentuado, dissolvendo e enfraquecendo os laços humanos, os ideais de amor romântico tendem a perder parte do seu significado. A pressão da emancipação da autonomia sexual feminina é fundamental para entender esse processo, uma vez que as mulheres demandam cada vez mais por satisfação e liberdade de expressão sexual. Surge assim, a noção de amor confluyente, desenvolvida por Giddens (1993), como uma forma de amor que tende a rejeitar os valores de 'eternidade' e 'unidade' do amor romântico. Quanto mais o amor confluyente se consolida enquanto uma possibilidade real, mais afasta-se da busca da "pessoa especial", pois o que mais conta é o "relacionamento especial" (GIDDENS, 1993, p. 72). A sexualidade plástica é outro conceito que ajuda a entender as transformações na esfera do amor e da sexualidade, pois é um modelo de sexualidade descentralizado, livre das necessidades de reprodução. A sexualidade plástica traz a possibilidade do sexo sem compromisso tanto para o homem quanto para a mulher, em uma proporção que contrasta totalmente com os valores morais da fase sólida da modernidade. O relacionamento puro, para Giddens (1993), seria o pano de fundo dessas transformações da sexualidade e da afetividade, pois é uma forma de relacionamento que visa valores como igualdade sexual e emocional, muito embora não esteja restrito só às esferas de relacionamentos afetivos e sexuais. O relacionamento puro é pautado na noção de democratização das relações pessoais, que, em última instância, é uma conquista e consequência da revolução sexual feminina e sua reivindicação ao prazer sexual, uma vez que garante novos espaços e possibilidades para as mulheres, além de redefinir, em alguma medida, relações hierárquicas e de gênero. Dessa forma, as relações entre pais e filhos, professores e alunos, marido e esposa, e muitas outras, estão relacionadas a esse processo de democratização, inerente ao relacionamento puro.

O amor romântico possibilita a emergência do relacionamento puro, mas entra em contradição com este (GIDDENS, 1993), uma vez que seus ideais não coexistem com a realidade individualista da modernidade líquida. O relacionamento puro, traz consigo a face democratizante e de liberdade, como afirma o autor, mas implica

também na responsabilidade emocional para com o outro, contraponto cada vez menos tangível do contexto atual. A satisfação sexual ganha um lugar fundamental no modelo de amor confluyente e no relacionamento puro, sendo suficiente para manter ou desfazer uma relação. Isso, por si só, gera insegurança e está relacionado às frustrações e angústias sexuais tão presentes na atualidade, como pode ser visto em alguns depoimentos:

Às vezes tenho medo de decepcionar, da garota não curtir o tamanho do meu pau, ou quem sabe gozar antes da hora, esse tipo de medo estraga tudo (Pedro, 25 anos).

Lembro de uma mina muito gostosa que eu fiquei numa festa, ela chegou em mim já beijando. A gente marcou de se encontrar na minha casa no dia seguinte, minha mãe tava viajando, só que eu fiquei muito excitado e gozei antes de botar nela, depois disso ela nunca mais quis falar comigo. Eu também fiquei com muita vergonha, pra ficar tentando de novo (Gabriel, 24 anos).

Essa insegurança típica com o desempenho sexual masculino pode ser vista como uma das consequências das rupturas na macroestrutura do patriarcado, ocasionada pela revolução sexual feminina. Tais rupturas não foram acompanhadas por uma reformulação clara e atual das masculinidades, que ainda são tomadas no singular e racionalizadas por dicotomias comportamentais anacrônicas. Toda possibilidade da manutenção de relacionamentos confluentes e preocupados com a democratização das relações entre os envolvidos acompanha a revolução sexual, que concedeu às mulheres maior legitimidade para demandar satisfação sexual que, desse modo, passa a ser um elemento central em muitos relacionamentos afetivos, não sendo só mais uma questão masculina. Mas não é só isso. Na sociedade de consumo e na cultura consumista, o prazer instantâneo e a realização dos impulsos aparecem como o objetivo central de qualquer empreendimento. Com isso, o sexo e a satisfação sexual passam por uma resignificação e ganham lugar de destaque no envolvimento afetivo. O desempenho/performance sexual torna-se, assim, um elemento fundamental, mas também objeto de insegurança, uma vez que está submetido à reflexividade institucional relacionada à própria autonarrativa do 'eu'. A busca pela conquista das demandas individuais, respaldadas pelo contexto do relacionamento puro, gera uma consciência democratizante, preocupada com o bem-estar e as demandas do outro, mas não diminui as inseguranças próprias da

modernidade líquida. Isso, obviamente, leva a diversos tipos de construção de narrativa do 'eu', relacionadas à sexualidade, muitas vezes levando a conflitos existenciais, ansiedade e bloqueios emocionais.

Outra nova categoria de relacionamento afetivo representa bem a individualização e a conseqüente fragilidade dos laços humanos: "ficar" com alguém. A 'ficada' pode representar qualquer relação afetiva superficial, do beijo ao sexo casual. Quando alguém diz que está 'ficando' com alguém, significa que há uma constância, que existe chance de 'aprofundar' o relacionamento, mas sem oficializar nada, de forma que não há necessidade de dar satisfação do que se faz ou não.

Eu tô ficando com uma mina, faz um tempinho já, mas é o tempo de test-drive, né? Tem que conhecer bem a pessoa antes de namorar (Henrique, 23 anos).

Como pode ser observado na fala do entrevistado, 'estar ficando' com alguém é estabelecer um período de garantia, como se faz com um produto recém-adquirido numa loja, um *test-drive*, sem compromisso, de forma a manter suas vidas particulares longe dos efeitos próprios do relacionamento fixo ou da contração da dívida. Além da preocupação com a individualidade e com a autoimagem no ciclo social particular, existe a necessidade de não se envolver sem ressalvas, uma insegurança que é amenizada pelo contexto simbólico do status de 'ficando'.

Essas são algumas das conseqüências da reordenação dos relacionamentos humanos em torno da lógica do consumo. Indivíduos inculcados no padrão de 'relacionamento puro', que reconhecem a individualidade e a legitimidade das demandas do outro, porém com extrema dificuldade de se projetar, em longo prazo, e de planejar/desenvolver uma relação 'estável' e realmente compromissada com o outro. Esse tipo de atitude aparece como um verdadeiro sacrifício para o *homo consumens*, que enxerga qualquer vínculo ou compromisso como uma porta fechada para novas possibilidades. As demandas do outro, por mais 'legítimas' que sejam, forçam os envolvidos na relação a tirar o foco momentaneamente da sua própria individualidade, e isso é algo insuportável para os habitantes do moderno mundo líquido.

1.3 Redes sociais: um espaço para a autopropaganda

De acordo com Bauman (2004), o maior sucesso da ofensiva do mercado e da sua lógica de consumo, que penetra no núcleo das relações humanas, tem sido o gradual esfacelamento das habilidades de sociabilidade:

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu valor monetário. Na melhor das hipóteses, os outros são avaliados como companheiros na atividade essencialmente solitária do consumo (...). A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor (BAUMAN, 2004, p. 98).

A realidade virtual, tão central nas relações humanas atualmente, é um novo espaço de relações sociais e envolvimento humano, com regras próprias, que possibilita o desenvolvimento de estratégias específicas para os participantes. Boa parte da vida social é reordenada em 'cibervida' (BAUMAN, 2008), que transforma os fundamentos que orientavam as relações humanas e pessoais cotidianas, mas que vinham sendo moldados pela racionalidade específica da sociedade de consumo. No entanto, a realidade desse novo espaço, no qual as pessoas se envolvem sem a necessidade da presença física, parece, de fato, distanciar as pessoas, que, cada vez mais individualizadas, tendem a perder habilidades sociais específicas do contato face a face, prejudicando a relação presencial.

Os celulares (e acrescentaria as redes sociais) assinalam, material e simbolicamente, a derradeira libertação em relação ao lugar (BAUMAN, 2004). Os contatos são estabelecidos com maior facilidade, mas também muito mais facilmente rompidos. Assim, uma 'paquera' virtual pode suscitar em excitação momentânea, mas não ter significado algum no dia seguinte. É comum ouvir relatos de pessoas que criaram expectativa com alguém nas redes sociais, mas que não tiveram nenhuma correspondência presencialmente ou evitaram o contato.

Tem uma mina que eu só conheço por instagram, sempre vejo ela no bar, acho ela linda, vive curtindo minhas fotos, a gente se olha muito mas nunca conversa (Pedro, 25 anos).

Na sociedade de consumo, algumas redes sociais se assemelham a lojas virtuais, onde o *homo consumens* investe constantemente no seu produto: seu corpo e sua autoimagem. Muitos se encantam e se sentem atraídos pelo produto alheio, idealizando-o baseado na superficialidade da vida virtual, criada por ele mesmo, mas não buscam se aprofundar na complexidade do outro ser, por trás do produto imagético.

O instagram, talvez, seja o melhor exemplo desse tipo de rede social. É um aplicativo, lançado em 2010, que ganhou maior expressão nos últimos anos e no Brasil mais recentemente ainda. No instagram, seus participantes costumam publicar e compartilhar fotografias constantemente, principalmente as *selfies*, feitas pela própria pessoa (um dos ícones da moderna e individualizada sociedade de consumo). Além das fotos, o instagram permite que as pessoas publiquem vídeos das próprias experiências, possibilitando um espaço onde o indivíduo cria sua própria 'vitrine virtual', através do perfil no aplicativo. Na "vitrine" do instagram, os usuários investem na construção de uma autorepresentação baseada nas fotos e vídeos que postam e compartilham, de forma que essa "individualidade", elaborada virtualmente, obedeça ao *modus operandi* da sociedade de consumo, colocando-se enquanto mercadoria.

Os participantes do instagram 'seguem' uns aos outros quando existe algum interesse no perfil/usuário do outro. Esse interesse pode ser motivado por questão de amizade, por ser alguém da família, por ser alguma celebridade, mas também pela atração física no outro (ou na autorepresentação do outro), sendo que muitos se seguem sem que tenham sequer se conhecido pessoalmente. Quando um perfil 'segue' outro, automaticamente aparece uma notificação avisando sobre o novo seguidor. A pessoa que seguiu pode ver todas as publicações (fotos e vídeos) do perfil seguido no 'feed' pessoal (espaço do instagram reservado para publicações das pessoas seguidas), podendo interagir através de 'curtidas/likes' ou comentários em forma de mensagens de texto e imagens. Mas seguir alguém não garante que essa pessoa vá seguir de volta, ou seja, não garante que ela vá ter o interesse em ter as publicações da pessoa que a seguiu aparecendo em seu próprio *feed*. Isso

pode gerar insegurança e desconforto, ainda mais quando existe algum interesse afetivo/sexual por parte do seguidor não correspondido.

Esbarro com ela toda hora, ela me vê e vem logo falar comigo, é sempre isso. Mas não me segue de volta no instagram. Acho que ela é daquelas 'instagirl' que quer ser famosinha de instagram (Lucas, 24 anos).

Outro ponto interessante é o significado e a importância que o 'número de seguidores' acaba ganhando nas relações virtuais. Logo no topo do perfil, ao lado do nome do usuário, aparece o número de seguidores e o número de seguidos. Esse número, que se assemelha a uma avaliação de um produto em uma loja, como acontece na maioria das lojas virtuais, orienta amplamente a relação dos participantes do instagram. Ninguém acreditaria, por exemplo, em um perfil de uma celebridade com poucos seguidores, que seria considerado um perfil falso (*fake*). Além disso, quanto mais seguidores, mais confiança tem o usuário nas suas relações virtuais, como se fosse uma marca de popularidade ou 'confiabilidade no produto'. Inclusive, muitos aplicativos foram criados recentemente com o intuito de gerenciar o perfil pessoal do instagram, indicando quantas e quem são as pessoas que não seguem de volta, além de apresentar gráficos indicando o percentual de 'curtidas/likes' nas fotos pessoais. Dessa forma, o usuário gerencia seu perfil como se gerencia um negócio ou empresa, de forma que seu perfil/produto apresente as características que mais dão credibilidade nas relações virtuais.

Esse aplicativo aqui serve pra você ver quem não te segue de volta. Eu não fico seguindo quem não me segue, tiro na hora (Amanda, 18 anos).

Outra rede social que se enquadra nessas características é o tinder. Aplicativo de celular lançado em 2012, no qual os participantes criam sua 'conta/perfil', com algumas fotos e uma autodescrição (opcional) e avaliam o perfil dos outros usuários clicando em '*like*' (representado pelo símbolo de um coração verde) quando tem interesse ou atração, e clicando em '*dislike*' (representado pelo símbolo da letra X em vermelho) quando não há interesse. Quando duas pessoas se avaliam positivamente com o 'coração verde', o aplicativo indica que os usuários 'combinaram', e dá possibilidade de conversarem entre si em um '*chat*' (um campo para mandar mensagens privadas dentro do aplicativo). O tinder cria uma sensação ainda maior de se estar em uma loja virtual, onde você procura entre uma variedade

infindável de usuários, aqueles mais interessantes na vitrine, baseando sua expectativa em algumas fotos e uma autodescrição de poucas linhas.

Analisando essas duas redes sociais, nota-se que existe uma relação forte entre as duas. O tinder permite que o usuário conecte sua conta do instagram ao seu perfil, ou seja, permite que outras pessoas tenham acesso ao seu perfil de instagram, através do seu perfil de usuário do tinder. Observa-se, frequentemente, no espaço reservado para autodescrição no perfil do tinder, mensagens como: “me segue no instagram, fala comigo por lá”, “quase não entro aqui, se gostou de mim fala pelo instagram”, ou ainda, “Gostou? Entra no meu instagram pra ver o resto das minhas fotos, me chama lá!”. O que se percebe claramente é que o tinder serve como uma espécie de ‘classificados’, onde as pessoas criam e investem em um perfil virtual, em forma de propaganda, para sua ‘loja/sítio virtual’ de fato: o instagram.

A lógica do tinder é tão relacionada à lógica do consumo e ao padrão de relações comerciais da atualidade que apresenta considerável número de propagandas e anúncios variados, entre esses os de prostitutas, com destaque para as transexuais, com números de celular disponíveis e às vezes com o endereço do sítio próprio onde anunciam seu serviço. Claramente, elas perceberam no tinder um espaço privilegiado para criar um anúncio gratuito e com bom alcance. A partir dessa breve análise das redes sociais, tinder e instagram, fica fácil contemplar como a lógica do consumo orienta as relações humanas na atualidade, onde as pessoas buscam umas às outras como se busca um objeto de interesse na vitrine de um shopping. Bauman (2017) acerta, então, quando afirma:

A tendência de procurar um companheiro pela internet resulta da tendência a compra pela internet (...) Se você quiser uma jaqueta nova, o site de uma loja online mostra a você um catálogo. Se você procura um companheiro, o site de namoro também mostra pra você um catálogo. O modelo da relação entre cliente e mercadoria se tornou o modelo da relação entre as pessoas (BAUMAN, 2017, entrevista à dasmagazin.ch).

Capítulo 2 – AS PROSTITUTAS DO MUNDO LÍQUIDO

2.1 As prostitutas de ontem e de hoje: estigma de trabalho sujo

A prostituição é, reconhecidamente, uma atividade antiquíssima nas sociedades humanas, tendo sempre se adaptado ao contexto social e econômico do lugar e do tempo onde se manifesta. É, indubitavelmente, uma instituição social que, quando bem analisada, revela diversas características de determinada sociedade em suas relações. A investigação das representações sociais em torno da prostituição, em determinado contexto social, ajuda-nos a entender o status da prostituta e, conseqüentemente, algumas relações de gênero, bem como a posição da mulher na vida social. Quando uma rede de representações negativas ou depreciativas se consolida e incide sobre as identidades singulares e coletivas de um grupo discernível, forma-se um estigma, um atributo que define as pessoas como socialmente desacreditadas e desqualificadas para aceitação social (GOFFMAN, 1963).

A seguir, um traço resumido do desenvolvimento das representações sociais, ao longo de determinados processos históricos, e a consolidação do estigma em torno da prostituição enquanto trabalho sujo. Segundo Roberts (1998), todo período conhecido como pré-história foi marcado pelo matriarcado e pela 'adoração à deusa', entidade que estava no centro de toda atividade social, como pode ser visto no texto a seguir:

Como os homens eram ignorantes do papel que desempenhavam na procriação, não havia a obsessão pela paternidade (definida aqui como a posse do homem sobre sua prole), que se tornaria típica mais tarde, nas culturas patriarcais. A unidade básica da vida social era matrifocal, centralizada nas mães e em seus filhos. (...) Nessas sociedades pré-históricas a cultura, a religião e a sexualidade eram interligadas, oriundas da mesma fonte, na deusa. O sexo era sagrado por definição e as sacerdotisas xamânicas lideravam rituais de sexo grupal em que toda comunidade participava, compartilhando uma união extática com a força da vida (ROBERTS, 1998, p. 21).

No entanto, por volta do ano 3000 a.C., diversos conflitos entre as comunidades matriarcais e tribos nômades dominadas por homens, cuja nova consciência do papel do homem na procriação era uma parte essencial da sua economia de criação de gado, de acordo com Roberts (1998), levaram ao fim o período matriarcal. Porém, muitas das tradições da prostituição sagrada persistiram e, por muito tempo, a prostituta teve status elevado, nas primeiras civilizações humanas. A deusa Inanna/Ishtar era a divindade benigna das artes da música, dança, poesia, relacionamentos humanos e da cura, e era personificada pelas prostitutas-sacerdotisas em civilizações da antiguidade. As prostitutas sagradas, ou prostitutas-sacerdotisas, enriqueciam os templos com oferendas de comida, vinho, azeite e bens preciosos que os adoradores deixavam aos seus pés, antes de participar dos ritos sexuais (ROBERTS, 1998).

Na Babilônia, existia uma hierarquia das prostitutas do templo, que refletia papéis e funções diversas. As *entu* e as *naditu* eram as sacerdotisas de posição mais elevada, seguidas pelas *qadishtu* e as *ishtaritu*, cujas vida e trabalho eram especificamente dedicados ao serviço da deusa *Ishtar*. Muitas delas especializaram-se como cantoras, instrumentistas e dançarinas. A classe mais baixa era chamada de *harimtu*, composta em grande parte por escravas capturadas em guerras. Conhecidas também como prostitutas semisseculares: o que presumivelmente significa que elas trabalhavam tanto no interior dos templos quanto fora, nas ruas (ROBERTS, 1998).

Na Grécia antiga, as tradições matriarcais também foram abaladas e a prostituição começou a ser progressivamente secularizada, como afirma Roberts (1998):

A divindade suprema dos indo-europeus, o pai-deus Zeus, casou-se com Hera, uma poderosa deusa sobrevivente do culto anterior, e dentro da mitologia combinada dos dois estavam constantemente lutando um contra o outro. Mas, apesar desta desarmonia conjugal entre os deuses, Zeus era incapaz de governar sozinho, por direito nato; como os reis e divindades mesopotâmios antes dele, sua autoridade derivava de um casamento sagrado com a deusa (ROBERTS, 1998, p. 33).

A sociedade grega se confirmou patriarcal e as mulheres foram submetidas ao controle do homem na esfera privada do lar. Assim se consolidou a noção estigmatizada da mulher boa/decente na cultura ateniense. Essas mulheres ficavam confinadas a casa e à função de esposa. O oposto direto às mulheres decentes seriam as prostitutas, e bastava 'sair da sombra' de seus maridos para serem identificadas dessa forma (ROBERTS, 1998). Apesar do estigma, no entanto, as prostitutas tinham vantagens sobre a esposa de um cidadão grego. Enquanto as esposas 'respeitáveis' tinham uma educação restrita às tarefas domésticas e nenhuma independência financeira, as prostitutas tinham acesso a outras fontes de conhecimento, como música, leitura, arte, além de terem independência financeira. Dessa forma, a prostituição secular passou a ser uma carreira na qual a mulher ateniense poderia se livrar do domínio masculino e conquistar autonomia e independência, conforme registra Roberts (1998):

As mais famosas e respeitadas dessas mulheres eram as hetairae (literalmente, "companheiras dos homens"), prostitutas de elite da antiga Grécia que eram famosas tanto por seu intelecto quanto por sua beleza e habilidades em fazer amor. Estas cortesãs fascinaram os historiadores durante séculos, o que não surpreende: seu estilo de vida livre e cultivado não poderia promover um contraste maior com a reclusão e a obscuridade das mulheres casadas (ROBERTS, 1998, p. 40).

A prostituição continuou a se distanciar progressivamente de sua tradição sagrada, que, no entanto, pôde compor o horizonte das representações sociais em torno da prostituição, ainda na Roma antiga, onde a deusa Isis era amplamente adorada, principalmente pelas mulheres (de todas as classes), e como sua predecessora Ishtar, também era uma deusa-prostituta (ROBERTS, 1998). A cultura da antiga Roma não enxergava a profissão de forma estigmatizada, apesar de existir uma divisão de classes entre as prostitutas, como ocorreu em períodos anteriores, sendo esse um dos únicos meios de uma mulher conseguir sua autonomia e independência financeira.

Os bordéis e os ‘banhos públicos’ ganharam notoriedade na Roma antiga. Nesses últimos, até cubículos privados foram construídos para clientes que optassem por massagens com essências aromáticas e mais uma variedade de serviços “extras”: a origem da sala de massagem, de acordo com Roberts (1998). Além disso, segundo esse autor, o teatro romano, desenvolvido a partir de tradições e festivais camponeses que homenageavam a sexualidade, nunca deixou de ser associado à prostituição.

Com a derrocada do Império Romano e o advento do que viria a ser chamado de Idade Média (ou das ‘trevas’, pensando o período anterior ao desenvolvimento do feudalismo), novas formas de organização social, trazidas pelos povos germânicos, foram desenvolvidas. O foco da vida deslocou-se do mundo urbano, como era no Império Romano, para regiões rurais. As prostitutas urbanas viram seu meio de vida virtualmente desaparecer da noite para o dia (ROBERTS, 1998). Foi a partir daí que uma série de representações sociais consolidou o estigma religioso da prostituição enquanto trabalho sujo, indecente, imoral e reprimível. Com isso, chega ao fim a tradição cultural da prostituição, que ainda encontrava elos com o divino, com as artes e o conhecimento. Com o advento da Igreja Cristã, a atividade estava, de fato, secularizada.

Apesar do estigma em torno de mulheres e prostitutas, que se desenvolvia ao longo da Idade Média, pode-se dizer que as prostitutas experimentaram um período de relativa liberdade, tendo constituído uma rede de solidariedade que respondia diretamente às investidas do Estado e da Igreja, na tentativa de explorá-las. Além disso, muitas conseguiram estabelecer seus próprios negócios e conquistar autonomia através da prostituição, que ainda representava o único caminho para a mobilidade social ascendente e prosperava sob novas condições do mercado (ROBERTS, 1998). A verdadeira repressão moral viria com os protestantes do século XVI, que conseguiram consolidar e popularizar o estigma da mulher e, conseqüentemente, da prostituta, baseado na predecessora noção católica de que a sexualidade é a raiz de todo o mal, conforme Roberts (1998):

Havia acabado a tradição medieval de mulheres fortes e relativamente independentes, que participavam plenamente das questões de sua família. Segundo o ideal renascentista, as mulheres casadas tinham de ser

obscuras e obedientes, confinadas aos espaços sombrios das vidas de seus homens (ROBERTS, 1998, p. 129).

Assim, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, marcada pela Renascença e pela Reforma Protestante, surgiram novas instituições, como o Estado Nacional e a Santa Inquisição, criada no século XII, mas que ganhou maior alcance no período da Reforma Protestante, como parte da Contrarreforma, de acordo com Silva (2016), estabelecendo um novo modelo de controle social:

O resultado de séculos de perseguição foi a ampla ressignificação da figura da mulher e do feminino no imaginário social, nos termos acima indicados. Antes da era da caça às bruxas, a mulher era senhora de um saber específico, em especial nas áreas da cultura da medicina, mas, depois, acabou por assumir uma posição de dependência total em relação à figura masculina. Naturalmente a origem histórica do domínio masculino é muito anterior, mas a Inquisição cristalizou e consolidou essa posição de inferioridade da mulher, a partir de uma narrativa religiosa-moralista (SILVA, 2016, p. 27).

Com a passagem do século XVIII para o XIX, o advento do capitalismo e da racionalidade científica, foram atualizadas as formas de controle e as representações sociais relacionadas ao estigma da prostituição. É nesse contexto de hegemonia burguesa que o saber médico surge como o novo fundamento para a gestão dos 'indesejados' (SILVA, 2016). Agora, a narrativa médico-científica substitui a inadequada noção moral-religiosa que explicava a 'inferioridade' das mulheres e prostitutas em termos sobrenaturais.

Com o advento da modernidade e, mais especificamente, da Era Vitoriana, os aspectos do amor romântico, próprios do 'período sólido', passam a caracterizar o relacionamento afetivo da época. A mulher tinha um papel fundamental na família burguesa, precisava demonstrar fidelidade absoluta a seu homem e garantir a sucessão patriarcal da propriedade (ROBERTS, 1998). A classe trabalhadora, a princípio, não foi afetada da mesma forma pelos padrões burgueses de decência moral, e o sexo extraconjugal, pago ou não, era aceito como normal, de acordo com

esse autor, e isso mudaria após a histeria da pureza social que marcou a virada do século XIX, pautada numa racionalidade médica higienista, quando, então, a classe trabalhadora fora incluída no modelo burguês do casamento monogâmico.

Os discursos que antes definiam as mulheres como impuras ou inferiores, baseados em narrativa religiosa, agora afirmam que elas eram desprovidas de sexualidade, apoiados na credibilidade da narrativa 'científica', própria da racionalidade vitoriana moderna. Diversos aspectos físicos, inclusive, eram levados em consideração para explicar a devassidão de uma mulher e a possibilidade de ela se tornar uma prostituta. Assim, o tamanho do clitóris e dos lábios vaginais poderia indicar, de acordo com as 'autoridades científicas' da época, os traços específicos de uma prostituta.

O desejo sexual aparecia, então, como um fenômeno exclusivamente masculino, e os 'deslizes' morais dos homens eram vistos como uma fraqueza lamentável, mas compreensível (GIDDENS, 1993). Para as mulheres, no entanto, as punições para o crime de adultério, por exemplo, eram extremamente rígidas. A legítima demanda sexual masculina poderia, então, corromper a pureza do lar e da família tradicional e, dessa forma, as prostitutas aparecem no imaginário social como necessárias para a satisfação dessas demandas e para a manutenção da ordem familiar, de acordo com Roberts (1998):

Mais uma vez identificada com tudo o que sujo e degradado (a imagem cristã da própria sexualidade), a prostituta era vista tanto como necessária quanto como nojenta; uma mistura ambígua de defensora sagrada da família e fossa obscena (ROBERTS, 1998, p. 265).

Com as transformações sociais e econômicas que sucederam o pós-guerras mundiais, trazendo o advento do período líquido da modernidade e as relações sociais individualizadas da sociedade de consumo, a sexualidade, bem como os modelos de prostituição passam a ser influenciados pela racionalidade específica do *homo consumens*. O sexo em si ganha status de mercadoria, principalmente após o advento da pílula anticoncepcional, que, ao desvincular quase que definitivamente a atividade sexual da reprodução, foi fundamental para a revolução sexual

(especialmente a feminina), que viria a se destacar trazendo consigo as já discutidas noções de relacionamento puro e sexo confluyente. Dessa forma, a dicotomia burguesa entre prostituta e virgem, assim como a noção de mulher assexuada, foram corrompidas, uma vez que as mulheres passaram a reconquistar, progressivamente, sua liberdade sexual e a legitimidade de suas demandas.

A prostituição sempre apresentou modelos de prestação de serviço variados, independentemente da época e de forma adaptada ao contexto social e à ordem econômica. Hoje em dia, também existem diversos meios para a prostituição, estritamente relacionados à modernidade líquida. Em Brasília, observam-se diferentes tipos. Boates específicas, chamadas de 'puteiro' pelos que frequentam, onde os clientes pagam para entrar em um ambiente com música, dança, bar e, claro, prostitutas que, na maior parte do tempo, são pagas para dançar sensualmente na mesa do pagante que assiste sentado, enquanto bebe algo ou fuma. O cliente da boate *puteiro* também pode ir para um quarto com uma das garotas disponíveis. Esse modelo é uma atualização do cabaré ou bordel, no sentido da semelhança em relação ao espaço amplo e com interação entre clientes, além da esfera 'festiva', na qual o ato sexual em si não é o objetivo fundamental, mas uma parte possível do pacote. A diferença mais perceptível talvez seja que o padrão bordel/cabaré já foi cenário principal da atividade de prostituição, em diferentes épocas, assim como em diversos lugares na modernidade sólida. Hoje em dia, a boate/puteiro tem público restrito e não é, nem de longe, a primeira opção do *homo consumens*, quando se trata de prostituição.

Outro modelo muito comum hoje em dia são as clínicas (ou salas de massagem), nas quais o cliente entra em um ambiente caracterizado como casa de massagem e é apresentado para um grupo de 'massagistas', das quais ele escolhe uma para efetuar o serviço. A massagem pode ocorrer, mas o foco da procura, na maioria dos casos, é o ato sexual em si. A *prostituição de pista* é um modelo mais recente e embora não seja específico da modernidade líquida, suas características atuais com certeza são. Uma delas é o chamado '*fast-foda*', termo utilizado pelas garotas, para definir a forma de prestação de serviço, semelhante a um serviço de *fast-food*. A *prostituição virtual* é, talvez, o modelo mais recente da atividade, no qual as garotas criam um perfil pessoal com fotos e algumas informações particulares, e anunciam em um sítio específico. O serviço ocorre normalmente em um

apartamento, onde o dono, que na maioria das vezes é proprietário de outros apartamentos utilizados para a mesma finalidade, não tem outras funções na ordenação do trabalho da prostituta (como teria um cafetão, por exemplo), mas está preocupado em estabelecer uma rede, junto aos donos dos sítios, para criar uma prostituição acessível aos clientes (visto que no sítio existem diversas opções de localidade) e explorar o trabalho das prostitutas, sem necessidade de se envolver diretamente, de forma que seu papel de financiador de prostituição não influencie na esfera da vida privada. O foco ao longo do capítulo é nesses últimos dois meios de prostituição (pista e virtual), mas, antes, cabe observar alguns conceitos.

Bernstein (2008) utiliza dois conceitos-chave para representar modelos normativos de relacionamento afetivo. O modelo/paradigma 'relacional' é sobre o advento do romance moderno (amor romântico) e da família nuclear, instituições próprias do período sólido da modernidade e da racionalidade específica do *homo faber*. A prostituição relacional era marcada pela conexão dos serviços sexuais à companhia das prostitutas, em lugares com espaço para socialização, entretenimento, bares, cabarés e bordéis. A partir do final da década de 1960 e início dos anos de 1970, as transformações sociais que marcaram o princípio do que estamos chamando de modernidade líquida, estabeleceram uma nova ordem nos relacionamentos afetivos e emocionais. Dessa forma, o atual modelo/paradigma 'recreativo' da sexualidade deriva seus sentidos principais do prazer e da sensação e deixa de ser idealizada exclusivamente dentro do domínio marital ou de relacionamentos duradouros (BERNSTEIN, 2008).

A prostituição recreativa é marcada pelos encontros rápidos e furtivos, focados estritamente na atividade sexual e que se encaixam na agenda do *homo consumens*, que aproveita a hora do almoço ou alguma eventual folga para procurar o ambiente de prostituição, de forma que não prejudique outras atividades cotidianas. Diferentemente do modelo relacional, agora as prostitutas atendem seus clientes com maior impessoalidade, evitando intimidades. Os grandes espaços que possibilitavam festas e socialização entre várias pessoas são substituídos por pequenos estabelecimentos, em esquinas ou edifícios, sem espaço ou possibilidade para grandes e duradouras interações sociais ou afetivas. A lógica própria da sociedade de consumo implica rotatividade do 'aluguel' do corpo e do tempo da prostituta. Além disso, as características próprias da vida pessoal do *homo*

consumens, como a organização do seu tempo de trabalho e suas relações em família, além da necessidade específica de satisfação imediata dos impulsos, são compatíveis com as características do modelo recreativo de prostituição. As características desse modelo relacionado à prostituição atual serão mais esclarecidas adiante.

Apesar das transformações aqui citadas, a prostituição continua a ser uma atividade estigmatizada como ‘trabalho sujo’. O conceito de trabalho sujo diz respeito ao descrédito e à desqualificação da profissão e quem pertence a essa categoria é considerado trabalhador sujo, pessoa socialmente impura (BATISTA, 2018, apud DOUGLAS, 2010). Os trabalhadores sujos, eventualmente desenvolvem uma cultura ocupacional forte (BATISTA, 2018) e a partir dela utilizam a ‘técnica de ressignificação’, que implica na transformação do significado social da profissão (BATISTA, 2018, apud ASHFORTH; KRAINER, 2014). No caso da prostituição, a ressignificação serve para dar um sentido melhor para a atividade do que o de ‘imoralidade’ socialmente estabelecida.

Em diversos períodos históricos essa forte cultura ocupacional na prostituição foi demonstrada em momentos de conflito e repressão. No entanto, com a nova noção de sexualidade recreativa, com o sexo virando um produto separado de outras atividades anteriormente relacionadas, a carreira de prostituição passa a ser diluída, fluidificada. A própria noção de carreira em si, como uma profissão para a vida, uma forma de se projetar no futuro, estável e duradoura, parece não encontrar lugar na modernidade líquida (BAUMAN, 2001). Agora, as prostitutas ficam cada vez menos tempo atuando na profissão, tomando como referência especialmente os modelos mais vigentes e acessíveis atualmente (prostituição de pista/rua e prostituição virtual) que, muitas vezes, é enxergada como uma espécie de atividade remunerada passageira, um tipo de *freelancer* (outra categoria de trabalho ajustada à lógica da sociedade de consumo).

Não vou dizer que gosto. Não. O dinheiro é rápido e eu tô precisando por agora, mas mês que vem já tô fora (entrevistada, Prost Virtual).

A rotatividade das garotas no ambiente de trabalho é tão intensa que, muitas vezes, trabalham como prostituta ao longo de poucas semanas, especialmente as do meio virtual. Dessa forma, a consolidação de uma cultura ocupacional forte é

dificultada, uma vez que a prostituição do mundo líquido, assim como a maioria das profissões e trabalhos atuais, está relacionada à racionalidade específica da sociedade de consumo, na qual o emprego não é um meio seguro para projeções e perspectivas futuras, e não encontra relações com a ideia de 'vocação'. Mesmo assim, as prostitutas desenvolvem estratégias entre si, para lidar com a rotina, e mesmo que a cultura ocupacional não seja tão significativa nesse contexto abordado, ainda é um fator a ser considerado. A própria vida privada, bem como a identidade das prostitutas atuais, é completamente distanciada da esfera do trabalho. Isso pode ser visto como uma estratégia para lidar com o estigma da prostituição, desvinculando a identidade pessoal do status de prostituta.

A prostituição pode ser entendida, segundo o conceito de *master status*, de Hughes (1945), como um estigma atribuído a uma pessoa serve como parâmetro para prever todas as demais características desse indivíduo (SILVA, 2016, apud HUGHES, 1945). Dessa forma, o "ser prostituta" torna-se a característica mais importante da pessoa e cria expectativas em relação a todas as outras qualidades. Tal rótulo é aplicado em razão do descumprimento de determinado conjunto de regras sociais (SILVA, 2016). A possibilidade desse distanciamento no contexto da modernidade líquida ajuda a prostituta 'turista' a preservar sua vida privada do estigma e, conseqüentemente, do *master status* da prostituição, que, afastado, não prejudica de forma significativa a autonarrativa reflexiva da garota que se envolve com prostituição na atualidade, de acordo com Silva (2016):

Seria como se a prostituta realmente tivesse que gerenciar, pelo menos, duas vidas, representando papéis diferentes, um em casa e outro na rua, o que demanda habilidades específicas, como disciplina para não cometer atos falhos em palcos diferentes (SILVA, 2016, p. 109).

A seguir, os dois tipos de prostituição atual citados: a prostituição de pista e a virtual, focando nas especificidades, relações com a sociedade de consumo e a modernidade líquida, além das estratégias usadas pelas prostitutas do mundo líquido, na busca pelos objetivos particulares.

2.2 A Prostituição de Pista

A prostituição de *pista*, como é chamada pelas profissionais da área, refere-se à prostituição da rua, mais especificamente na avenida W3 Norte, em Brasília. De acordo com Silva (2016):

A cidade é dividida, seguindo basicamente as coordenadas geográficas. A avenida W3 refere-se ao ponto cardeal nº 3 e é uma das vias arteriais que liga o extremo sul ao extremo norte do Plano Piloto (...). A extensão da Avenida W3, desde o extremo sul ao norte, é de 24 km, os quais são divididos em três áreas, a W3 Sul, a região central e a W3 Norte (SILVA, 2016, p. 61).

Cyntia Cristina de Carvalho e Silva, que estudou a fundo a prostituição na W3 Norte, em sua tese de mestrado, afirma que as características espaciais próprias da avenida são fundamentais para compreender a apropriação do espaço pelas prostitutas de pista e a forma que se estabelece a atividade. Segundo Silva (2016), por ser uma via reta ininterrupta, os clientes, em sua maioria motorizados, seguem o fluxo da avenida que se apresenta como uma vitrine, com os corpos das prostitutas à espera do programa. As garotas não se organizam dos dois lados da avenida, apenas do lado em que o sentido da pista é em direção à Asa Sul, próximo às quadras (702 a 716), ou seja, na parte de cima da avenida, onde estão lojas e comércios, que funcionam durante o dia.

Para entender o porquê da apropriação específica desse local da W3, é preciso levar em consideração os estacionamentos dos comércios, que acabam se transformando em pontos estratégicos para exposição dos corpos na prostituição. Na W3 Sul a região comercial (a parte de cima da avenida, próxima às quadras 700) é ocupada por residências, em sua maioria de classe média, o que dificulta a manifestação da atividade de prostituição. Na W3 Norte, os comércios tendem a fechar logo no início da noite e seus estacionamentos, que têm acesso direto e são

paralelos à avenida, viram pontos de prostituição de pista. Em alguns casos, a garota entra no carro do cliente, mas na maioria das vezes, o ato é praticado em pousadas ou quitinetes que se localizam logo atrás dos estacionamentos, na rua das oficinas, paralela à W3 Norte.

A facilidade de mobilidade dos clientes (SILVA, 2016), que observam a vitrine pela W3 e adentram os estacionamentos quando avistam alguma garota de seu interesse, é essencial para a manutenção da atividade nesse modelo, uma vez que, além da facilidade de acesso, garante o anonimato do cliente que, sem precisar sair do veículo, vai passando em cada ponto de interesse, ao longo da avenida, como em um verdadeiro *drive-thru* sexual (a autora utiliza o termo *trottoir-drive-thru*). A possibilidade de obter esse serviço de forma rápida e prática encaixa muito bem na agenda do *homo consumens*, que pode obter o serviço inúmeras vezes, sem que interfira em suas outras relações privadas. Ainda de acordo com a autora:

Além disso, outra circunstância favorável à prostituição na W3 Norte é a facilidade de mobilidade para os clientes que, mesmo a pé, podem utilizar os serviços sexuais de maneira rápida e furtiva, logo ao saírem do trabalho ou mesmo antes de lá chegarem, mesmo que muito cedo, como me contou uma das entrevistadas. Segundo ela, como o programa é rápido, cerca de vinte minutos, durante a semana esse tempo é facilmente justificado como excesso de trânsito, para a família que os aguarda em casa (SILVA, 2016, p. 70).

Além desses fatores espaciais, que possibilitam a prostituição de pista na W3 Norte, é preciso compreender a história específica da prostituição no local. Segundo a autora, a apropriação do espaço pela prostituição de pista teria começado na década de 1990, quando um casal de coreanos abriu a Boate Queens, no comércio da CLN 314 (SILVA, 2016), quadra localizada logo abaixo da avenida W3 Norte. Devido ao intenso movimento no local, muitas garotas foram atraídas pela possibilidade de prostituição na região e começaram a alugar pequenos quartos na vizinhança (SILVA, 2016, apud TEIXEIRA, 2013). Mesmo após o fechamento da boate, as quadras 314 e 714 Norte continuaram sendo pontos de prostituição, o que causou pânico entre os moradores da região, responsáveis por várias campanhas e manifestações para expulsar as prostitutas do local (SILVA, 2016). A partir desse

episódio, a prostituição deixou de estar concentrada na região da 714 Norte e passou a se espalhar ao longo da via W3 Norte.

O modelo de prestação de serviço na W3 Norte é o *'fast-foda'*. Termo utilizado pelas próprias garotas, para caracterizar sua atividade. O *fast-foda* ilustra muito bem o que é a prostituição no mundo líquido, pois assim como o *fast-food*, um dos ícones da modernidade líquida, ela tende a ser rápida, impessoal, barata e de fácil encaixe na agenda movimentada do *homo consumens*, atendendo suas demandas por praticidade e anonimato (importante para preservar sua vida e rotina privada).

Aqui com a gente é fast-foda, não dá pra ficar enrolando muito não, por que o tempo que eu fico com um, já passou mais três lá embaixo procurando sexo. Não dá pra perder tempo (entrevistada, prostituição de pista).

Na W3 Norte, as garotas oferecem seu serviço para o maior número de clientes, em menos tempo possível. Os clientes, por outro lado, buscam uma garota que atenda seus padrões estéticos e um serviço acessível, que caiba na sua agenda privada. Os valores variam de 70 a 100 reais, dependendo das especificidades, previamente combinadas, do programa (incluir sexo anal, por exemplo, eleva o preço).

Apesar da praticidade e velocidade do programa, que dura em média 15 a 20 minutos, as garotas desenvolvem algumas estratégias para maximizar seu lucro diário e para lidar com as complicações da rotina, em seu envolvimento com o cliente, traços de uma cultura ocupacional, uma vez que essas estratégias são aprendidas em grupo. O pagamento, por exemplo, é adiantado, para evitar clientes desonestos e para facilitar o controle da garota sobre a atividade do programa em si, uma vez que tendo o dinheiro em mãos, a preocupação com a *performance*, como recurso de conquista, é suavizada, e a garota pode apressar ou evitar certas práticas, sem que o cliente possa parar o ato no meio e decidir não pagar. Se houver a tentativa de recuperar o dinheiro de forma agressiva, os 'primos', que desempenham a função do cafetão, aparecem para garantir a segurança e o dinheiro da prostituta.

Comigo é rapidinho e se o cliente ficar de gracinha o primo bota ele pra correr (entrevistada, prostituição de pista).

Muito da *performance* da prostituta de pista começa no estacionamento, onde fica em pé, acompanhada de mais duas ou três garotas, acenando, indo à janela do carro conversar com o cliente, utilizando artifícios simbólicos corporais para chamar a atenção e convencer que ela é a melhor opção. Tendo conquistado o cliente, a prostituta desenvolve sua *performance* baseada na manipulação das emoções, enquanto simulacros estratégicos (SACRAMENTO, 2006) de sedução, atração física, orgasmo etc. Assim, ao mesmo tempo que busca agradar o cliente e garantir seu retorno, busca reduzir o tempo da atividade ao máximo, acelerando seus ganhos.

Eu faço tudo bem tranquilo, com jeitinho. Não fico apressando senão o cara demora mais ainda. Eu mostro pro cara como tô gostando, falo que ele é bonito, que faz bem, grito alto e falo putaria né, é só falar pra ele gozar pra putinha dele que eles não aguentam. Assim fica mais fácil, cliente não costuma demorar quando é assim (entrevistada, prostituição de pista).

Segundo Pasini (2000), as prostitutas preservam algumas partes do seu corpo, que não são tocadas pelos clientes, estabelecendo um limite simbólico corporal na atividade, para diferenciar clientes de não clientes (aqueles com quem se relacionam fora do contexto de prostituição), ou seja, algumas práticas sexuais não são realizadas com clientes. Por uma divisão simbólica, que se expressa em cuidados higiênicos específicos, no uso do preservativo, na recusa em fazer certas práticas e em permitir o toque em determinadas partes do corpo, a prostituta elabora uma lógica de preservação e de evitação do cliente (PASINI, 2000). Esse estranhamento ao cliente, enxergado como meta a ser superada a cada programa, pode ser visto como estratégia fundamental na maximização do objetivo da garota, bem como na preservação de sua saúde e segurança. Dessa forma, ela consegue focar no objetivo real da atividade, que é fazer dinheiro rápido e, para tanto, precisa estar acessível o máximo de tempo possível, para atender ao maior número de clientes possível, obedecendo à lógica consumista da modernidade líquida, caracterizada pela circulação e o consumo intenso de bens e produtos disponíveis por indivíduos '*sensation-seekers*' (BAUMAN, 1998), ávidos por novas sensações e experiências.

As prostitutas de pista na W3 Norte têm muito controle sobre sua atividade e estabelecem a forma *fast-foda*, de prestação de serviço, sem grandes problemas.

No entanto, a facilidade de serem vistas e reconhecidas enquanto prostitutas por conhecidos ou familiares é uma questão que preocupa, pois assim como os clientes, prezam pelo anonimato na intenção de se afastarem do estigma e do *master status* da prostituição. Muitas, no entanto, acreditam que a pista seja menos arriscada, nesse sentido, do que os sítios de internet, onde as fotos ficam expostas, também em uma vitrine, só que virtual.

Ao contrário do que se pensa, a motivação para a atividade de prostituição na W3 Norte não influencia apenas garotas com grandes dificuldades sociais ou financeiras. Observam-se garotas de classe média, que buscam a prostituição para ampliar sua renda ou mesada, como no relato da tese de Silva (2016):

Renata, 25 anos, solteira, moradora do Guará, sem filhos, foi a que disse que se prostitui para pagar “seus luxos”, os quais seriam festas e roupas de grife, já que seus pais são responsáveis por pagar sua faculdade de Direito, onde ela cursa o 6º semestre. Ela vem de ônibus todas as noites, de segunda-feira a sexta-feira, do Guará para a W3 Norte, para trabalhar como prostituta e fica na pista até 00h00, quando passa o último ônibus de volta para o Guará, cidade-satélite de Brasília, a cerca de 20 quilômetros de distância. Segundo ela, sua família nem pode imaginar que ela se prostitui (SILVA, 2016, p. 107).

A prostituição aparece como uma oferta de trabalho acessível e interessante para muitas mulheres de classes sociais diferentes, embora o número de garotas de classe média na W3 Norte ainda seja menor do que o de garotas de classe baixa e periféricas (que representaram 4 das 5 entrevistadas que tive contato). A atividade não é tida como fácil pelas prostitutas, pelo contrário, mas garante dinheiro rápido. Assim como os clientes, as prostitutas do mundo líquido são autocentradas e buscam alcançar seus objetivos sem comprometer outras relações ou esferas da vida particular, sem que a satisfação de sua vontade implique em consequências que possam dificultar a contínua satisfação de novos *impulsos* e vontades. Dessa forma, podemos afirmar que o modelo de prostituição de pista na W3 Norte, característico pela prestação de serviço estilo *drive-thru* ou *fast-foda*, se adequa perfeitamente à racionalidade do *homo consumens* e à lógica da sociedade de consumo na modernidade líquida, de acordo com Silva (2016):

O mercado da prostituição na W3 Norte funciona como um enorme drive-thru, onde os clientes, e seus carros, entram e saem dos estacionamentos, observando aquilo que está disponível, e, quando escolhem o “produto” que querem, podem consumi-lo com rapidez e discricção, normalmente no próprio ambiente da prostituta, que fica próximo dos locais de exibição, ou vitrines (SILVA, 2016, p. 114).

2.3 Prostituição Virtual

Fazer ponto nas ruas ou trabalhar em boates ou bares como garotas de programa fazem parte do passado. Homens, mulheres e travestis estão aproveitando a tecnologia para aumentar o número de clientes e a rentabilidade dos negócios. O mercado do sexo em Ponta Grossa tem a internet como a sua principal ferramenta. Uma investigação realizada pelo Jornal da Manhã, iniciada há pelo menos dois meses, identificou aproximadamente 250 endereços relacionados ao crime de favorecimento à prostituição. São sites patrocinados por hotéis e empresas, sem restrição de conteúdo, que incentivam a atividade sexual. Nos sites pesquisados, homens, mulheres e travestis abusam da sensualidade para atrair os clientes com fotos picantes e em poses com conotação sexual. Ao lado das imagens, há uma descrição com os atributos físicos da garota ou garoto de programa, com medidas do bumbum e dos seios, por exemplo, além da disponibilidade de horários, locais de atendimento e, é claro, o número de telefone (PUPO, 2017, apud Internet Potencializa o Mercado da Prostituição em Ponta Grossa, 2013).

Não só em Ponta Grossa, obviamente, mas em outros lugares, a prostituição virtual vem ganhando destaque e já é um dos meios mais buscados pelos clientes de prostituição.

Pode-se dizer que a prostituição virtual começou a partir de fóruns virtuais e blogs de prostituição que surgiram no início dos anos de 2000, quando a cultura de computadores domésticos começou a se estabelecer. Um dos primeiros fóruns nacionais foi o gpguia.net, lançado em 2002, que reúne clientes do Brasil inteiro em uma grande comunidade virtual. É um espaço onde os clientes criam um perfil, como

em uma rede social qualquer, e compartilham experiências e informações sobre as garotas, avaliam seus serviços e compartilham fotos e os telefones. Cada usuário do fórum compartilha suas experiências através do 'TD', sigla para *test-drive*, que é o espaço onde o cliente abre o primeiro relato pessoal sobre uma prostituta específica. Criado o TD, com título (normalmente nome e número da garota), relato e descrição exata da experiência e o local/região de atendimento, o cliente conclui a avaliação, marcando o TD dentro das categorias: positivo, negativo, neutro e 'pisada na bola'. O TD pode, então, ser visualizado e comentado por outros clientes interessados em saber sobre o serviço da garota, ou que também tiveram experiências e querem avaliar a relação pelas categorias utilizadas no fórum.

Gostosa de academia + silicone nos peitos + silicone na bunda. Não faz anal, oral bem mais ou menos e não tenta agradar... Vai neutro por ser muito gostosa (relato de cliente, GPguia.net, 2012).

Estive com a Bruna no dia 20/06. Corpo 10, muito gostosa, isso não podemos negar. Nota 7, pois dessa vez não achei tão empolgante como da primeira vez. Mas uma coisa leva nota 10, sempre estimula o menino para ter o 2º round. Então ela fica na minha lista de futuros retornos (relato de cliente, GPguia.net, 2015).

Os blogs, que são páginas virtuais individuais, onde as garotas expõem fotos com conotação sexual, autodescrições, além de vídeos falando sobre sua rotina e suas experiências sexuais com outros clientes, ganharam destaque e sempre foram muito relacionados aos fóruns virtuais de prostituição, uma vez que os clientes, após terem a relação sexual com a garota, compartilham seu blog nos fóruns, relatando a experiência. Quando mal avaliadas, as garotas podem entrar na 'lista negra', que é compartilhada e reconhecida pelos clientes no fórum, o que pode prejudicar o perfil da garota, que, muitas vezes, muda de nome profissional e troca suas fotos e número de contato. No entanto, quando bem avaliadas, as garotas entram na 'lista branca' e acabam aumentando sua clientela. Dessa forma, os fóruns se tornaram uma verdadeira ferramenta para regular o programa, pois criam um espaço de resposta para os clientes, prejudicando a eficácia de determinadas estratégias das garotas, quando querem evitar certos contatos e estabelecer suas próprias regras e limites.

A prostituição virtual pode se dar por meio de blogs, aplicativos de celular e, principalmente, mais recentemente, por meio de sítios, que, de certa forma, organizam e tornam ainda mais acessíveis as formas de prostituição virtual que vinham se desenvolvendo na relação entre blogs e fóruns. Nesses, a garota entra em contato com o trabalho por indicação de amigas que já são da área, ou por anúncios de um sítio específico, em classificados de jornal ou internet. Nos sítios também há, geralmente, um espaço de: 'fale conosco/anuncie', onde a garota entra em contato com um dos administradores e em caso de interesse, fecha o acordo. A partir daí, a garota é fotografada para o anúncio, muitas vezes por alguém da própria equipe do sítio, e suas melhores fotos são compiladas com uma 'autodescrição' (que, muitas vezes, também é feita por alguém do sítio), criando, assim, o perfil da garota. Nos sítios, as garotas são identificadas pelo termo 'acompanhante' e não se observa em lugar nenhum a palavra prostituição ou prostituta, exceto pelos comentários de clientes. A substituição do termo prostituta ou prostituição pelo de acompanhante é para desvincular o sítio do estigma da prostituição, de forma que o serviço seja visto como apenas mais um produto, dentre outros, esperando para ser consumido na vitrine, afastando qualquer bloqueio moral que impeça o cliente de satisfazer seu *impulso*. Na racionalidade própria da modernidade líquida, qualquer regulação moral que possa inviabilizar o consumismo enquanto atividade incessante do *homo consumens* está fadada a ser suavizada ou ressignificada. Dessa forma, tanto o cliente quanto a garota sentem-se simbolicamente afastados do estigma, na atualizada relação consumidor-acompanhante, o que influencia reflexivamente suas autonarrativas.

Nota-se que a palavra 'acompanhante' é uma palavra-chave para a busca desses sítios, pois como foi visto anteriormente, para a localização dos blogs e dos sítios, em nível nacional, também foi utilizada essa palavra para a possível localização das páginas. Outro fator interessante é que na busca por 'prostituta' apareciam apenas noticiários a respeito e não as páginas dos sítios. O termo não é utilizado pelos administradores dos sítios e nem pelas próprias garotas (PUPO, 2017).

Os sítios de prostituição possuem também uma organização de interface parecida, onde, logo no início da página, há a foto da garota-destaque ou da garota da semana e, logo abaixo, as fotos das garotas que são novidade. Seguem, então,

as fotos do restante das garotas, que tem anúncio na página (PUPO, 2017). É como um sítio de loja, que anuncia seus novos lançamentos toda semana. Existem inúmeros sítios de prostituição em Brasília, onde deparamo-nos principalmente com anúncios de mulheres, mas também de homens e transsexuais. Analisei durante quatro meses, especificamente, os sítios *capitalsexy.com* e *socinquenta.com*. Ambos, assim como os blogs e os demais sítios de prostituição, obedecem a um padrão *'instagram'* (lembrando que os blogs surgiram anteriormente), ou seja, assemelham-se muito com o modelo expositivo da rede social *instagram*, onde, como já dissemos, os usuários estão constantemente investindo em sua autoimagem. Se considerarmos a etimologia da palavra prostituir, que tem origem no latim *'prostituere'*, onde *pro*: 'a frente' e *stituere*: 'colocar, instalar', significando 'colocar diante, expor, apresentar à vista; pôr à venda; mercadejar com a sua eloquência' (ROCHA, 2009). Podemos compreender melhor as semelhanças entre esses espaços virtuais e a forma como seus participantes interagem. Obviamente, as pessoas que utilizam o *instagram*, em sua maioria, não são prostitutas, e mesmo por elas, o *instagram* não é utilizado com esse objetivo (apesar de terem sido observados alguns perfis de prostituição no aplicativo *tinder*, onde o *instagram* pessoal da garota estava anexado), as fotos, por mais sensuais que sejam, não são sexualmente explícitas, visto que o *instagram* censura esse tipo de material, podendo excluir o usuário responsável.

É interessante notar que, como o ato de expor-se, colocar-se à vista é característica central na relação entre os participantes dos dois espaços virtuais (no caso, os sítios de prostituição e o *instagram*), a forma como se apresentam acaba sendo igualmente semelhante, baseando na racionalidade de consumo, própria da modernidade líquida, onde o estímulo fundamental para a atividade do *homo consumens* é justamente o de sair da invisibilidade e da imaterialidade cinza e monótona, destacando-se da massa de objetos indistinguíveis e captando o olhar dos consumidores (BAUMAN, 2008). Nos blogs, por exemplo, além das fotos, as acompanhantes postam vídeos pessoais, gravando experiências íntimas e relatos pessoais ou de programas, além de abrir, em alguns casos, espaço para comentários dos clientes e, isso tudo, muito antes desse modelo de interação virar uma tendência geral com o *instagram*, onde os participantes agem da mesma forma, exceto pelo teor sexual explícito e o objetivo explicitamente comercial.

O *capitalsexy.com* é um sítio de acompanhantes, em sua maioria de classe média alta, que surgiu em 2008, onde se observa uma infinidade de anúncios (280, na última contagem). Muitas dessas garotas se identificam como acompanhantes de luxo e cobram normalmente de 150 a 400 reais o programa. É possível encontrar uma mesma garota anunciando em um sítio diferente, por um preço menor, mas isso não é tão comum. As especificidades do programa (ato anal, oral, fetiches), são firmadas por telefone entre o cliente e a acompanhante, e caso o cliente sinta-se motivado a fazer uma avaliação, positiva ou negativa, é provável encontrar o perfil da acompanhante do *capitalsexy.com* no *gpguia.net*, uma vez que o *capitalsexy.com* não dá espaço virtual para interação entre clientes. A garota que busca anunciar no *capitalsexy.com* se depara com a seguinte nota:

*Para anunciar conosco, você tem que ter mais de 18 anos e um material fotográfico feito por profissionais. A negociação é feita diretamente com o interessado, ou seja, você publica seu anúncio com seu perfil detalhado, características físicas e o cliente negocia diretamente com você, sem intermediações. O anúncio é publicado em até 24 horas. Não efetue pagamentos sem antes consultar a administração do site sobre a disponibilidade de novos anúncios OU aprovação de ensaios. Não respondemos ou damos informações para terceiros (nota do sítio *capitalsexy.com*).*

Quando a garota se informa através do contato com os administradores, é aconselhada a utilizar um fotógrafo indicado por eles. Esse profissional e sua equipe fazem o 'portfólio' da acompanhante, se utilizando de recursos como '*photoshop*', que podem ser 'denunciados' no *gpguia.net* em caso de 'exagero'. Claro que nem o anúncio nem o serviço de fotografia e edição são serviços 'baratos'. É um investimento que a garota faz acreditando no retorno, dada à credibilidade do sítio, muito embora haja um risco. Assim, o *capitalsexy.com* acaba reunindo, no geral, garotas com boa condição financeira e de classe média, que podem arcar com o custo do investimento. Os clientes, por mais que isso varie, também tendem a ser de classe média, visto que o valor do programa, em média, no *capitalsexy.com*, também não é dos mais acessíveis.

Capitalsexy DF - 10 anos no ar, o melhor sítio de Acompanhantes de Brasília/DF BSB. O conteúdo deste sítio é dirigido para pessoas maiores de 18 anos e que tenham plena capacidade civil para acessar páginas relacionadas a acompanhantes

de luxo, garotas de programa, travestis, duplas, stripers, Escort Girls, gogo boys, casais, fetiches, dominação e outros (nota do sítio capitalsexy.com).

O socinquenta.com é um sítio mais recente, de 2013, de layout (design) mais simples do que o capitalsexy.com, no entanto chega a ter 20.000 visitas por dia, sendo um dos mais famosos e procurados em Brasília. É conhecido pelo preço acessível, mas apesar do nome, quase nenhuma garota atende pelo valor de 50 reais. O preço médio do programa, sem incluir a prática do sexo anal, é de 70 reais, incluindo, sai de 90 a 100 reais. A garota que busca anunciar, passa por um processo parecido com as que buscam anunciar pelo capitalsexy.com, pois entram em contato com um dos administradores, fotografam com equipe própria e têm um perfil com as fotos e 'autodescrição' (criada pelo administrador como se fosse feita pela própria acompanhante). A diferença está na estrutura e na proposta do sítio. No capitalsexy.com, as fotos são editadas, muitas vezes com apoio do 'photoshop', tiradas por câmeras profissionais em ambientes decorados e preparados pela equipe profissional, que orienta a anunciante em vários aspectos. No socinquenta.com, por outro lado, as fotos são simples, sem edição nem 'photoshop', tiradas com celular no próprio ambiente de prostituição, específico de cada garota. Obviamente, é muito menos caro o serviço de anúncio do socinquenta.com, apesar de as garotas desse sítio anunciarem por valores menores do que no capitalsexy.com. Observa-se, então, ao contrário do capitalsexy.com, uma predominância de mulheres periféricas e de classe baixa (das entrevistadas, apenas uma era moradora do Plano Piloto).

Se você chegou até aqui, obviamente está interessado em tornar-se uma de nossas anunciantes. Aceitamos anunciar, mulheres, duplas, casais e casas de massagem. Primeiramente, esclarecemos que não somos agenciadores, cafetões, ou qualquer tipo de explorador da prostituição. Somos um portal de anúncios, dessa forma, não nos responsabilizamos e nem INTERMEDEIAMOS "programas". Nossos anúncios são pagos mensalmente e as fotos devem ser tiradas por nossa equipe. Para anunciar ligue ou mande uma mensagem (nota do sítio socinquenta.com).

A maioria das acompanhantes do sociquenta.com exercem sua atividade em ambientes que não são delas nem alugados por elas. Tudo indica que existe uma rede de pessoas envolvidas na prostituição virtual, que financia espaços para isso. Esse assunto sempre foi evitado durante as entrevistas, mas algumas falas deixam

a entender que existe uma relação entre os que financiam o espaço e os administradores dos sítios. Na nota citada acima, é informado que as fotos do anúncio devem ser tiradas pela equipe do sítio e na fala de duas entrevistadas, fui informado que a pessoa que as acompanhava ao local de trabalho e tirava as fotos era o próprio proprietário, que financiava o local para a atividade de prostituição. Isso indica que os proprietários e os administradores formam uma equipe, como dito na própria nota do sítio, ou melhor dizendo, uma rede empresarial que financia a atividade de prostituição virtual em Brasília, apesar de essa relação ter sido curtamente negada pelo administrador entrevistado, que afirmou não ter conhecimento de como as garotas têm acesso ao local de atendimento, e ‘palpitou’ que elas mesmas alugavam o apartamento. Isso, no entanto, não se confirmou nas entrevistas com as próprias acompanhantes, que me informaram que, além da relação entre cada proprietário e os organizadores do sítio, existe relação entre os proprietários em si, que se conhecem e organizam a prostituição juntamente com os administradores virtuais. Provavelmente, tudo isso é esclarecido quando a garota interessada entra em contato com o administrador do sítio, que orienta onde ela pode trabalhar. Certos apartamentos, inclusive, são prostíbulo reconhecidamente famosos pelos clientes, que, apesar da curta permanência em cada apartamento específico, continuam a ser ponto de prostituição com novidades a cada mês. Existem também, sem dúvida, as garotas que são donas dos próprios locais, mas essas, normalmente, são acompanhantes de luxo, comumente encontradas no capitalsexy.com e não representam a maioria das prostitutas virtuais.

O socinquenta.com também é conhecido pelo espaço que permite ao cliente fazer comentários e avaliações nos respectivos perfis das garotas, incorporando a proposta do gpguia.net. Isso, as fotos ‘caseiras’ e também o preço mais acessível são características que, segundo o administrador do socinquenta.com, explicam o sucesso do sítio, que ostenta o título de ‘líder’ no DF.

A gente é líder por causa da honestidade com os clientes, fazendo fotos caseiras e evitando fotoshop nas fotos, dando opção de comentarem sobre o atendimento das garotas etc. (entrevistado, Administrador do sítio socinquenta.com).

Essa possibilidade que os clientes têm de avaliar o serviço das garotas interfere, como já dissemos, na atividade e nas estratégias usadas pelas garotas, em benefício próprio, uma vez que as avaliações (no fórum do gpguia.net ou no

espaço proporcionado pelo socinquentacom) passam a ter um peso considerável na decisão dos clientes na escolha da acompanhante. Um comentário negativo pode influenciar outros a comentarem negativamente sobre alguma experiência que tiveram com a garota, além de afastar possíveis clientes que preferem não arriscar tempo e dinheiro em uma acompanhante mal avaliada.

Essa parece que é furada. Já fez um anúncio há duas semanas e só tem comentários ruins. Procure por Michele 50 rapidinha. Fez outro anúncio, trocou de nome, mas será que atendente do mesmo jeito? (comentário no Perfil da Acompanhante – sítio socinquentacom).

Linda mas é fraca, cheia de frescura, não é puta de verdade (comentário no Perfil da Acompanhante – sítio socinquentacom).

Como se nota no comentário acima, a única alternativa que resta quando mal avaliada, é que a garota crie um novo perfil, com novo nome, nova descrição e novas fotos e, mesmo assim, isso não garante que não vai ser identificada depois, pelo cliente frustrado, que pode persistir nos comentários negativos. Essa é uma diferença crucial entre a atividade de prostituição virtual e a de pista, uma vez que na prostituição de pista as garotas são dificilmente identificadas no gpguia.net, pois não possuem perfis virtuais e raramente têm alguma foto na internet, que seja acessível aos clientes. Isso se reflete na forma como se dá o serviço, nesses dois modelos distintos.

Na pista, a garota tem muito mais controle sobre a atividade, além de, em alguns casos, contar com a proteção do 'primo'. Ela consegue diminuir o tempo de atividade, recusar determinadas práticas, evitar um cliente que não goste, ser ríspida, se sentir necessidade, e fazer qualquer coisa que a beneficie ou evite problema, sem que precise se preocupar com a avaliação do cliente, insatisfeito, para outros possíveis clientes. Ela consegue manter a prática do *fast-foda*, sem que os clientes tenham muita influência sobre suas estratégias particulares. Não é do interesse da prostituta de pista frustrar o cliente, pelo contrário, elas normalmente se preocupam com sua satisfação, pelo menos até o ponto que não prejudique a rápida circulação de seu serviço.

Apesar disso, a pista tem diminuído, segundo o relato de algumas garotas, o que se deve ao aumento da prostituição virtual, que, apesar de trazer uma

representação simbolicamente desvinculada (ou quase) do estigma da prostituição, como se fosse outro serviço, traz algumas vantagens para a garota, que opta por esse meio. De acordo com as entrevistadas, elas se sentem mais seguras dentro do ambiente do apartamento do que na rua, apesar de terem de pagar um preço mais alto para ocupar o ponto (algumas relatam pagar 50% de todo o dinheiro que faziam mensalmente ao proprietário do apartamento). Segundo algumas entrevistadas, olhar pelo 'olho-mágico' e não abrir a porta traz conforto e segurança. Também demonstraram muita preocupação em não ser reconhecidas enquanto *acompanhantes-prostitutas*, uma preocupação que também é das prostitutas de pista, que relatam preferência pela pista, por se sentirem inseguras em ter suas fotos, no meio virtual, relacionadas à prostituição, apesar de na maioria dos casos, as acompanhantes terem os rostos censurados nas fotos dos sítios. As acompanhantes virtuais, por outro lado, relatam preferir a prostituição virtual, quando o assunto é anonimato, por terem medo da possibilidade de ser reconhecidas se exibindo na pista.

A pista é mais perigosa, às vezes a mulher sai até no carro do cara. Além de que qualquer um pode te ver lá, em pé, e já sabe que é puta (entrevistada, prostituição virtual).

Apesar de não ter sido relatada a figura do 'primo'(cafetão) entre as entrevistadas, na prostituição virtual, elas afirmam que atendem normalmente, com mais de uma colega no apartamento, sentem-se seguras e conseguem manter o controle da situação. Mesmo com algumas vantagens sobre a prostituição de pista, as entrevistadas confirmam em suas falas a influência do fórum e do espaço de interação de clientes do socinqueta.com em sua atividade.

Tem que ter muita paciência, por que o tanto de cliente chato que vem comentando merda é foda (entrevistada, prostituição virtual).

Tanto o modelo de pista quanto o virtual dispõem de distinções e particularidades que influenciam na forma como se apresentam e na relação direta que traçam entre prostituta e cliente. O *fast-foda* é relacionado ao modelo de pista, como já vimos, e é caracterizado pelo atendimento rápido, impessoal e completamente regulado pela prostituta. Acompanha a rotina semanal do cliente, atendendo sua demanda por sexo em períodos curtos e estratégicos, na hora que

saem do trabalho, por exemplo, ou antes da volta para casa. Na prostituição virtual, as prostitutas, ou acompanhantes, estão constantemente preocupadas com a avaliação dos clientes no sítio ou no fórum, que é um espaço que possibilita também ao cliente regular a atividade de prostituição. Isso faz com que algumas garotas acabem ficando mais permissivas em alguns aspectos, ou quebrem alguns limites simbólicos corporais (PASINI, 2000), na tentativa de conseguir uma boa avaliação no seu perfil virtual.

O declínio dos modelos de prostituição de pista foi reconhecido também por Bernstein (2008), que conclui que há uma transformação nas demandas dos clientes, que buscam agora uma autenticidade demarcada, ou seja, um programa em que possam desfrutar de uma relação sexual de reciprocidade, mesmo que performática, onde a fantasia realizada seja o objeto principal da compra, não o sexo em si, e que seja demarcada, ou seja, delimitada pela estrutura do acordo comercial, de forma que não implique em consequências para a vida privada.

Em um contexto de autenticidade demarcada, beijos, carícias, sexo oral (onde a prostituta também recebe), linguajar obsceno e muitas outras práticas fazem parte do pacote de demandas do cliente, a serem realizadas no ambiente de prostituição. No modelo de pista, caracterizado pelo *fast-foda*, essas práticas são muito menos comuns e, em geral, estrategicamente evitadas, como observado no trecho a seguir, de Bernstein (2008):

O fato de no comércio sexual a prostituição de rua constituir, hoje, um setor marginal e em declínio, significa que o lugar da transação associada ao 'desafogo sexual' rápido e impessoal, cada vez mais está sendo ocupado por outra (forma de prostituição), configurada para estimular a fantasia de uma reciprocidade sensual, uma fantasia salvaguardada pela concessão do pagamento (BERNSTEIN, 2008, p. 340).

Observa-se que tanto a prostituição de pista quanto a virtual estão relacionadas à modernidade líquida e sua racionalidade específica, porém, a prostituição virtual parece estar em ascensão, enquanto a de pista em declínio. Parece que o modelo de prostituição virtual encontra mais afinidade com a racionalidade de *homo consumens* dos clientes que buscam cada vez mais uma

autenticidade demarcada na relação com as prostitutas. Tendo esses espaços virtuais dos sítios e dos fóruns, podendo fazer exigências ou elogios, os clientes-consumidores regulam o trabalho das acompanhantes, de forma que a satisfação de seu *impulso* seja garantida da melhor forma possível. A demanda por uma 'autenticidade demarcada' representa a vontade do cliente de comprar muito mais do que o sexo em si, uma vez que busca o espaço da prostituição pela possibilidade de fantasiar, realizando (SILVA, 2016, apud BORTOLANZA, 2014) num contexto de anonimato marcado pela relação comercialmente delimitada e distanciada de suas outras relações privadas. A prostituição virtual, com seus recursos específicos, parece possibilitar ao cliente que procura o ambiente de prostituição, maior garantia de que suas fantasias específicas serão realizadas e suas demandas atendidas. A categoria de autenticidade demarcada esclarece muito mais do que apenas a relação do *homo consumens* com a prostituição no mundo líquido, pois está relacionada intimamente ao seu comportamento social.

Capítulo 3 – OS CLIENTES DO MUNDO LÍQUIDO

Os consumidores conduzem o intercâmbio da prostituição de formas que não são muito diferentes de como a maioria dos intercâmbios de mercado são conduzidos hoje: informações sobre prostituição não se restringem a uma elite, mas estão amplamente disponíveis; configurações sociais enquadram a interpretação dessa informação; a criminalização da prostituição não dificulta de maneira particular o intercâmbio; e o fato de o intercâmbio continuar ou não é frequentemente ditado pela boa condução do negócio. Em resumo, no capitalismo tardio da América, o sexo é intercambiado quase como qualquer outro bem (BERNSTEIN, 2008, apud PRASARD, 1999).

3.1 Relações afetivas subjetivas do *homo consumens*

Na sociedade de consumo, as relações humanas são reordenadas a partir do padrão e à semelhança das relações entre os consumidores e os objetos de consumo (BAUMAN, 2008). Os próprios consumidores transformam-se em mercadorias e suas subjetividades também obedecem a essa lógica, na busca incessante por destaque na vitrine da vida na modernidade líquida. Assim, o *homo consumens* está constantemente alternando entre os papéis de consumidor e mercadoria, uma vez que o indivíduo que calcula e avalia suas relações, com base na lógica do consumo, também é submetido à mesma lógica pelos outros indivíduos com quem se relaciona no contexto da modernidade líquida. Isso, obviamente, tende à individualização das relações humanas e ao distanciamento dos indivíduos, que agem com muita cautela antes de ‘investir’ em uma nova relação. O descarte de objetos é uma função fundamental da sociedade de consumo e para a manutenção de sua racionalidade, visto que é um meio imediatista (e desligado de qualquer preocupação futura) para lidar com os produtos que se tornam indesejados e, por isso mesmo, descartáveis.

O descarte é usado como ferramenta também nas relações humanas do *homo consumens* que, quando insatisfeito, não demora a romper seus frágeis laços

e, assim, descartar a relação indesejada. Nas relações afetivas, a situação é a mesma. O parceiro é escolhido dentro da lógica ‘*sensation-seeker*’ e, por isso, tem de corresponder à demanda por sensações do outro, para ser considerado uma boa escolha. Assim, são formadas as figuras ideais sobre o potencial parceiro, muitas vezes desenvolvidas através do meio virtual que, como vimos, pode ser uma vitrine onde o indivíduo constrói e expõe na rede uma autorepresentação que busca conquistar o olhar e a atenção de outros indivíduos relacionados ao contexto consumidor-mercadoria, que rege os relacionamentos atuais. Em grande parte dos casos, a busca pelo parceiro não é, para o *homo consumens*, uma busca por namoro ou relação “romântica” (sólida), que pode parecer, por si só, uma ideia opressiva, mas uma busca incansável por experiências e sensações orientadas pela racionalidade consumista, onde o prazer não está na relação com o objeto em si, mas na contínua conquista por novas sensações, em novos objetos, de forma que uma experiência, por melhor que seja, não prejudique a possibilidade de novas e melhores experiências. É uma busca por relações demarcadas e tangenciais, que não provoquem consequências emocionais significativas, a ponto de interferir na vida privada e autocentrada dos envolvidos.

Namorar pra quê? Eu já fiz essa besteira uma vez e não quero mais isso pra minha vida não. Eu quero ser livre, ir pro carnaval e ‘pegar’ quantos eu quiser. Tava chegando o carnaval quando eu terminei, inclusive (Amanda, 18 anos).

Mas quando acontece o envolvimento, os indivíduos relacionados se permitem compartilhar um contexto emocionalmente significativo, se reconhecem enquanto ‘apaixonados’ e entram em um estado de furtiva fixação, que os impulsiona a repetir o contato com mais frequência. Enquanto o prazer e a satisfação continuarem impulsionando o estado de êxtase dos apaixonados, o laço entre os indivíduos tende a se manter estável, mas, claro, os conflitos não demoram a aparecer entre o individualizado *homo consumens*, que se frustra por não ter previsto o prejuízo do seu investimento, refletido nas supostas possibilidades perdidas num cálculo especulativo de custos de oportunidades. No contexto de relacionamento puro, o foco para de ser na pessoa especial (como era no amor romântico) e passa a ser no relacionamento especial (GIDDENS, 1993), sendo esse relacionamento puro baseado na racionalidade da sociedade de consumo. Começa a ruir quando pelo menos um dos investidores sente-se pressionado pela

individualidade e com a responsabilidade para com o outro, que reflete exigências e obrigações, e aquele prazer e êxtase inicial que impulsionava a relação começa a se desgastar. O produto que não corresponde mais às demandas e expectativas individuais de pelo menos um dos envolvidos é descartado sem grandes dificuldades e, em pouco tempo, os dois estarão à procura de novas sensações.

Foi intenso demais, chamei ela pelo instagram pra tomar uma no bar e pra minha surpresa ela disse sim. A gente ficou no mesmo dia, fomos pra casa dela depois e vimos um filme, transamos e tudo mais. Acho que foi na mesma semana, a gente começou a namorar, foi louco demais. Eu praticamente me mudei pra casa dela. Só que depois de um tempo começou a dar tudo errado, ela ficava puta e me esculachava por qualquer merda, aí terminou do nada comigo sem explicação. Ficou bêbada e terminou, brigamos na frente dos amigos dela. Deve ter durado um mês e pouco a história toda (Pedro, 25 anos).

O *homo consumens* não precisa de grandes motivos para romper uma relação, que costuma começar de forma rápida e intensa, e dura até o momento em que os envolvidos precisam investir mais do que lhes parece oportuno, para continuar obtendo prazer e satisfação. Quando as demandas particulares começam a conflitar, os envolvidos param de se enxergar enquanto fonte de satisfação e a relação perde o sentido. O amor confluyente, baseado no relacionamento puro, não se projeta no futuro. As dificuldades e divergências não entram no cálculo do *homo consumens*, afinal, para ele, o objetivo de qualquer consumo é satisfazer seus *impulsos*.

Assim, fica claro por que a prostituição virtual e seu modelo de autenticidade demarcada aparecem como possibilidade atrativa para o cliente *homo consumens*, que, protegido pela delimitação comercial da relação, procura o ambiente de prostituição para realizar seus impulsos de forma intensa e despreocupada, com qualquer obrigação moral que possa desenvolver em um relacionamento puro, 'desprotegido' do controlado contexto comercial. Para os clientes do mundo líquido, não há antítese alguma entre a expressão erótica e o *ethos* do mercado (BERNSTEIN, 2008). Isso é uma característica do paradigma recreativo da sexualidade, que é um modelo recente que reflete, nas relações afetivas do indivíduo atual, as transformações socioeconômicas que repercutiram no contexto da modernidade líquida.

É preciso fazer uma distinção, no entanto, entre o comportamento masculino e o feminino, uma vez as mulheres representam uma parcela muito pequena dos clientes de prostituição. Há diferenças nas formas comportamentais entre os gêneros, no contexto de sexualidade recreativa, tendo como pano de fundo o relacionamento puro, porém, as características da sexualidade recreativa, relacionadas ao contexto da sociedade de consumo, são influentes tanto para homens quanto para mulheres. Apesar da prostituição do mundo líquido, que aparece como forma de consumo comercial leve e não complicada (BERNSTEIN, 2008), ainda ser uma possibilidade mais acessível ao comportamento masculino, as mulheres também têm suas especificidades comportamentais no modelo de relacionamento puro e sexualidade recreativa.

Na sexualidade recreativa, o sexo é desvinculado da atividade reprodutiva e das relações conjugais. Isso quer dizer que, a partir da possibilidade de controle de natalidade, principalmente com o advento da pílula anticoncepcional, o sexo se apresenta como uma possibilidade cada vez mais real de satisfação específica de impulsos e desejos, desvinculado da relação simbólica com instituições 'sólidas' como a paternidade e a família. O sexo, 'livre' de qualquer interdependência, é comodificado, ou seja, transformado em mercadoria no contexto da sociedade de consumo, de forma que a indústria do sexo acaba atingindo boa parte da esfera da sexualidade. A pornografia, por exemplo, é uma representação da sexualidade comodificada pela indústria do sexo. O solitário *homo consumens*, cada vez mais destituído de habilidades de interação social 'presencial', passa a ter no ambiente privado do lar, a pornografia como seu manual, onde, a partir de um recorte caricatural de relação sexual, constrói a noção de sexo e seu lugar na vida social (enquanto mercadoria, no caso) e aprende a partir daí a se comportar sexualmente. A pornografia atinge, de forma certa, a subjetividade do *homo consumens*, uma vez que o sexo sempre aparece como algo isolado e delimitado, relacionado simplesmente ao prazer e à satisfação sexual, de forma que a vida privada dos envolvidos pareça inalterável e sem nenhuma relação emocional de interdependência, após o gozo.

Qualquer relacionamento afetivo-sexual pode vir a ser um fardo para o *homo consumens*, caso a cota de sensações excitantes não estejam sendo supridas ou apareçam novas ofertas de sensações a serem experimentadas. Os mais adaptados

ao consumismo, enquanto prática fundamental para a manutenção da racionalidade da sociedade de consumo, são aqueles que sabem que se livrar de coisas que ultrapassam sua data de vencimento (desfrutabilidade) é um evento a se regozijar (BAUMAN, 2008). Apesar das formas desenvolvidas e adaptadas ao contexto atual, o envolvimento e a reciprocidade demandada em um relacionamento puro perturbam os ímpetus individualistas dos que buscam se relacionar afetivamente, no entanto, a solidão e a conseqüente insegurança nas relações humanas influenciam o *homo consumens* a buscar envolvimento para sanar esse mal-estar. Estabelece-se, conseqüentemente, uma contradição. O *homo consumens*, diferentemente do *homo faber*, não é treinado, pela racionalidade de produtor, a planejar ou concertar, pelo contrário. O planejamento e o concerto necessitam de um pano de fundo estável, pautado por pretensões e relações sociais sólidas. Na modernidade líquida, o descarte substitui o concerto como meio de alcançar os objetivos individuais e, dessa forma, o *homo consumens* fica em constante procura de um parceiro, que caiba em seus ideais privados e construídos a partir da lógica de consumo.

Namorar é legal, mas eu não consigo namorar ninguém por muito tempo, até hoje pelo menos não. Ser solteiro é bom também, por que eu não preciso dar satisfação pra ninguém e posso pegar quem eu quiser, mas tem coisas no namoro que não se consegue estando solteiro (Lucas, 24 anos).

É notável a liquidificação de instituições que antes assumiam uma posição tão rigidamente estabelecida no contexto social e nas relações humanas. O casamento, o namoro monogâmico, a família, para citar só algumas, são todas instituições transformadas e adaptadas ao contexto da modernidade líquida. Mas a liquidificação, enquanto processo sócio-histórico, é comum a todo período da modernidade. Assim, não podemos nos esquecer de enxergar essas transformações dentro de um contexto mais amplo e não como conseqüência de circunstâncias pontuais, no período de transição entre a modernidade sólida para a líquida. Ademais, várias características atuais do comportamento do *homo consumens* revelam a ordenação, baseada no consumismo, da vida privada dos indivíduos, no contexto da modernidade líquida, e a forma como esses sujeitos consomem prostituição é um exemplo claro dessa racionalidade.

3.2 Consumindo Prostituição no Mundo Líquido

Estou muito tempo sozinho, estou acostumado a isso, mas às vezes eu anseio por contato físico. Eu preferia tê-lo com alguém que eu não conheço, porque alguém que eu conheço vai querer mais. Você acaba solitário. Eu estou saindo com uma garota agora. Eu gosto da atenção. Mas, sintetizando, é isso. Eu acho a prostituição excitante, tipo uma diversão. É incrível que exista. Mais pessoas participariam se não fosse ilegal. Muitas frustrações de ambos os sexos poderiam ser eliminadas (Don, 47 anos – entrevista do texto de BERNSTEIN, 2008).

A prostituição, como já dissemos, assume diversas formas e modelos de prestação de serviço na modernidade líquida. A transformação na demanda por prostituição, observada com a emergência da sexualidade recreativa/plástica no contexto de relacionamento puro, implica na adaptação de velhos modelos à realidade da sociedade de consumo. Além disso, novos modelos são desenvolvidos, tornando outros tipos obsoletos ou de público muito restrito, como no caso de bordéis e cabarés que, apesar de ainda existirem, não são o modelo de maior predominância na modernidade líquida.

Os dois modelos analisados neste trabalho (pista e virtual), com base nos contextos da W3 Norte e dos sítios: socinquenta.com, capitalsexy.com e gpguia.net, refletem as características comportamentais do *homo consumens*, uma vez que estão ligados à racionalidade da sociedade de consumo. A pista é um modelo mais antigo e se adaptou à lógica da vida líquida, ganhando suas especificidades dependendo do local. Na W3 Norte, o *fast-foda* é a forma de prestação de serviço que o modelo da pista apresenta, no qual os programas são curtos, impessoais e regrados pela prostituta, que pretende ter o maior número de clientes possível e, para isso, precisa estar acessível na vitrine da pista pelo maior tempo possível. No contexto de prostituição virtual analisado, o serviço da acompanhante/prostituta é regulado constantemente pelos clientes que avaliam seus serviços no fórum gpguia.net ou através do sítio socinquenta.com. Dessa forma, é um meio que traz mais garantia de que os clientes do mundo líquido alcancem a realização de seu comportamento sexual recreativo, através de uma relação baseada em autenticidade demarcada.

O declínio da forma de pista, observada também por Bernstein (2008), por mais adaptada que possa estar, parece persistir por que nela o cliente e suas demandas específicas não são o centro da atividade de prostituição, mas a suposta demanda geral por agilidade, estrategicamente perseguida pelas garotas, com a intenção de maximizar seus ganhos. Quando o cliente tem possibilidade de reclamar e avaliar o serviço (assim como acontece em qualquer sítio de loja), passa a ter controle sobre parte da atividade e a satisfação de suas demandas específicas passa a ser uma questão mais imperativa para o alcance, por parte da prostituta, de bom resultado financeiro. Na W3 Norte, os clientes passam de carro ao longo da avenida, avaliando qual garota interessa mais, fazendo rápidas paradas para ter informações do serviço de cada uma. Eles podem fazer sua escolha entre um número considerável de garotas, todas expostas na vitrine da pista, e quando decidem, têm a relação sexual rápida, em um ambiente muito próximo ao ponto de exposição, normalmente em alguma quitinete.

Eu saio da faculdade, passo ali pela W3 voltando pra casa, se eu vejo alguma que seja interessante eu paro e pergunto como é o programa, dependendo eu faço (cliente, 22 anos).

A prostituição de pista cabe nas pequenas 'brechas' entre as atividades privadas do *homo consumens*, de forma a comprar satisfação sexual de forma rápida e furtiva, sem que precise se planejar para encaixar essa atividade em sua agenda. Outra vantagem da pista, para os clientes, é o fato de ver a garota pessoalmente, antes de fazer a escolha, e assim, não cair na frustração de uma foto exageradamente editada por *photoshop* ou não encontrar a garota escolhida no apartamento informado pelo sítio.

O bom da pista é que você vê e escolhe ali na hora. Não tem erro. Acontece muito de ligar pra uma dessas de site e quando chega lá no lugar, não é a mesma das fotos atendendo. Ai a gente acaba aceitando pra não dar viagem perdida, mas é frustrante (cliente, 25 anos).

Na prostituição virtual, o cliente baseia sua escolha em fotos, possivelmente em algum vídeo, e nas descrições e avaliações do serviço de cada garota, no perfil virtual, ou através dos fóruns virtuais. Apesar de não poder ter certeza absoluta da semelhança da profissional escolhida com as fotos do sítio relacionadas a ela, a

descrição do serviço por parte dos outros clientes, no meio virtual, acaba sendo fundamental na decisão, uma vez que podem confirmar ou não se as fotos condizem com a realidade, e informar sobre a qualidade do serviço prestado. Os clientes do mundo líquido, em geral, procuram na prostituição uma relação baseada em autenticidade demarcada, onde possam realizar todas as suas fantasias e fetiches particulares, contando com o envolvimento da profissional, de forma que não precisem se preocupar com consequências posteriores, para sua vida privada, nem com possíveis demandas por reciprocidade na satisfação sexual que, provavelmente, apareceriam em um contexto de relacionamento puro, que não estivesse salvaguardado pela concessão do pagamento (BERNSTEIN, 2008) ou pelo contexto estritamente comercial. O que mais repudiam são os programas ‘mecânicos’, onde a garota não se envolve e não se preocupa com a realização de seus impulsos particulares, demonstrando que o que é comprado no programa, muito mais do que o corpo ou a atividade sexual em si, é a realização das fantasias e fetiches, que necessitam da participação e da ‘reciprocidade’ da garota, no ato praticado, quer este a excite ou não. As acompanhantes melhor avaliadas são as que percebem a importância da autenticidade demarcada e buscam realizar e se envolver (mesmo que performaticamente) com as fantasias exigidas por seus clientes, reforçando a característica do ambiente de prostituição atual, que é um espaço ‘desvinculado’ do resto da existência privada do indivíduo onde ele pode fantasiar realizando (SILVA, 2016, apud BORTOLANZA, 2014).

Então ela apressa o cliente né amigo... Pô, nem se ela me pagar eu vou... Se tem uma coisa que eu odeio é quando a GP fala pra gozar rápido. Ela pode me pagar qualquer valor que eu não fico com uma GP que apressa (Cliente, prostituição virtual – Site: socinquenta.com. Avaliação negativa).

Nossa, judiei dessa aí hj viu. Muito top msm. Faz tudo que promete, não regula a foda hra nenhuma, é puta de verdade. Fiz tudo com ela sem dó, até ela não aguentar mais. Tive que encerrar na boquinha dela. Volto com certeza, de novo e de novo (Cliente prostituição virtual - sítio: socinquenta.com. Avaliação positiva).

Essa é nota ZERO. Pisada na bola total. Além de não ter NADA A VER com as fotos do site, é muito chata e mandona, não deixa fazer nada que fala que faz no anúncio. Fui beijar, me empurrou. Fui pegar no peitinho, reclamou. Chupada fraca e

de capa. Não caíam nessa, na foto é gata, na real é toda caída e esquisitona (Cliente prostituição virtual – Fórum virtual: gpguia.net. Avaliação negativa).

Depois de muito tempo sem sair com acompanhantes resolvi testar uma boa, liguei para a Hellen para marcar com ela e apesar da agenda cheia consegui marcar. Cheguei no local e ela me abre a porta só de calcinha e sutiã. E não fiquei muito surpreso, pois as fotos são bem parecidas com a realidade. O uso do photoshop deve ter sido bem pequeno. Chegando já dou uns pegos rápidos e vou tomar banho. Banho tomado ela me pede para deixar e começa a chupar. Chupou bem gostoso (mas já vi chupadas melhores). E começo a foder com ela por cima, depois sentado e esperma na borracha. Tomo outra ducha, batemos um papo (ela é bem simpática) e começamos a segunda de ladinho gostoso e termino com ela de 4. Paguei e fui embora. Alguns pontos são preocupantes, apesar de ter pouco photoshop a idade parece estar chegando, não é estilo ninfeta não, mas não compromete. Outro ponto que é bastante negativo é o celular que fica tocando o tempo inteiro, mas não perde o TD positivo. Seguem as notas: Peitos: 10, Rosto: 8, Bunda: 8, Barriga: 9, Buceta: 7. Vou botar o link de alguns dos sites que encontrei ela, não deixem de conferir (Cliente prostituição virtual - Fórum virtual: gpguia.net. Avaliação positiva).

A prostituição virtual parece ser a primeira opção quando o cliente busca um programa. A maior garantia de uma autenticidade demarcada é o maior estímulo para a decisão do cliente, mas a qualidade do local e a possibilidade de poder escolher entre uma variedade de mulheres no conforto e na privacidade de casa, tendo os relatos de outros clientes sobre o serviço prestado como parâmetro, também são fatores que influenciam fortemente a preferência pelo meio virtual.

POR EXEMPLO, RELAÇÕES COM ACOMPANHANTES, EM OPOSIÇÃO ÀS PROSTITUTAS DE RUA, SÃO USUALMENTE MAIS PROLONGADAS (DURANDO EM MÉDIA UMA HORA, AO INVÉS DE 15 MINUTOS), MAIS PROPENSAS A ACONTECER EM AMBIENTES CONFORTÁVEIS (UM APARTAMENTO OU UM QUARTO DE HOTEL, AO INVÉS DE UM CARRO) E MAIS PREDISPOSTAS A INCLUIR CONVERSAS, ASSIM COMO UMA DIVERSIDADE DE ATIVIDADES SEXUAIS (BERNSTEIN, 2008).

O sítio de prostituição é apresentado, então, como uma verdadeira loja virtual, onde o cliente escolhe entre uma variedade de produtos, com fotos, descrições e avaliações de outros compradores. É um modelo que tem um formato de exposição dos participantes semelhante ao de outras redes sociais da atualidade, sendo que ambos estão relacionados à racionalidade própria da sociedade de consumo. No entanto, os dois modelos de prostituição analisados têm relação com a lógica dessa racionalidade, pautada na síndrome consumista que envolve velocidade, excesso e desperdício (BAUMAN, 2008). O desperdício pode ser enxergado nesse contexto como descarte, no qual a prostituta que não corresponde aos impulsos sexuais e demandas do cliente deixa de ser uma possibilidade de escolha. O cliente está sempre em busca de novidade, apesar de poder repetir o programa várias vezes, com determinada acompanhante que corresponda e realize suas demandas, está constantemente atento às novas ofertas, seja no sítio ou na pista. Na sociedade de consumo, é fundamental a sucessão de reinícios, baseada no rápido desfrute e descarte do objeto, já a satisfação ‘completa’, que freia a roda do consumismo, é vista como um perigo para qualquer negócio ou investimento.

Para um tipo de sociedade que proclama que a satisfação do consumidor é seu único motivo e seu maior propósito, um consumidor satisfeito não é motivo nem propósito – e sim a ameaça mais apavorante (BAUMAN, 2008).

Não é difícil ouvir que indivíduos apaixonados perderam o interesse um pelo outro e, muitas vezes, em um espaço de tempo muito curto. Isso é comum no contexto da modernidade líquida, onde a troca e o descarte do objeto insatisfatório são a alternativa mais óbvia e automática e onde a busca pelo relacionamento, estável ou casual, é uma busca essencialmente por novas experiências e sensações particulares, não por vínculos fortes e significativos, conectados à vida privada dos envolvidos. A prostituição no mundo líquido assume essas características próprias da sociedade de consumo, de forma que o *homo consumens* pode realizar suas demandas sexuais privadas, muitas vezes interiorizadas no ambiente e privacidade do lar, através de sítios de pornografia, e ter sempre ofertas disponíveis, de forma

que seu ímpeto consumista, que sustenta essa estrutura socioeconômica, seja constantemente alimentado e instigado a realizar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou, de forma simples e resumida, abordar os modelos de prostituição mais atuais e predominantes no Brasil e em boa parte do ocidente: a prostituição de pista, que ocorre nas ruas das cidades, onde o serviço é prestado no carro ou em algum local próximo ao ponto de exposição da profissional; e a prostituição virtual, onde o cliente escolhe a profissional através de perfis de sítios específicos, muitas vezes tendo espaço para comentar e avaliar o serviço no próprio perfil virtual da garota, ou através de fóruns na internet, que são como uma grande comunidade virtual onde os clientes interagem e compartilham experiências. Os campos de pesquisa específicos, utilizados para abordar os modelos de prostituição de pista e virtual, foram respectivamente a prostituição na W3 Norte, em Brasília, e os sítios de prostituição virtual: socinquenta.com, capitalsexy.com e gpguia.net.

Desenvolvemos uma abordagem teórica no início do trabalho, visando abordar o contexto de modernidade líquida e outras categorias construídas pelo sociólogo Zygmunt Bauman, assim como outras categorias de outros autores que usamos para expandir a noção de liquidez associada aos relacionamentos afetivos modernos. A partir daí, utilizamos a abordagem dos modelos de prostituição de pista e virtual, com base no contexto da prostituição na W3 Norte e nos sítios citados, para criar uma relação com a racionalidade específica do *homo consumens* na modernidade líquida e seus paradigmas relacionais e afetivos.

Conclui-se que existe uma íntima relação entre os modelos de prostituição na atualidade e a forma como se dá o comportamento do *homo consumens* enquanto categoria que serve para explicar, de forma geral, as características fundamentais do comportamento do indivíduo, inserido na sociedade de consumo, estrutura socioeconômica própria do período líquido da modernidade.

O *homo consumens* está ligado ao movimento, instantaneidade e constante sucessão de reinícios, pré-requisitos para operar e ser um indivíduo adaptado à lógica consumista da modernidade líquida. Sendo assim, o objetivo de sua ação é continuar consumindo, sem sessar, em busca de prazer e satisfação instantânea dos seus impulsos, diminuindo o máximo possível o tempo até a sua realização. Sendo um indivíduo de racionalidade imediatista e sem habilidades de interação

social próprias do contato direto, presencial, devido a processos de individualização próprios de seu contexto líquido moderno, o *homo consumens* encontra dificuldades de construir vínculos e relações humanas fortes e significativas. Isso influencia seu comportamento nos relacionamentos afetivos, que são desenvolvidos com base na racionalidade consumista enquanto um meio de conquistar exclusivamente satisfação sexual e emocional, e não como meio de se projetar no futuro e estabelecer relações fixas e duráveis.

Os modelos de prostituição analisados refletem e estão relacionados ao comportamento do *homo consumens*. A prestação de serviço na pista da W3 Norte é caracterizada pelo *fast-foda*, semelhante a um *drive-truh*, onde os clientes, em seus próprios carros, selecionam entre uma variedade de garotas que abordam nos estacionamentos das lojas ao longo da avenida. No caso da prostituição virtual, as garotas se apresentam através de um perfil criado em algum sítio específico. Os clientes buscam e selecionam suas acompanhantes com base em fotos, descrições, vídeos, em alguns casos, e é claro, com base nos comentários e experiências compartilhadas por outros clientes, no espaço proporcionado pelo sítio ou pelo fórum virtual. No caso deste trabalho, foram abordados os sítios socinquenta.com, capitalsexy.com e gpguia.net. O socinquenta.com é característico pelos serviços mais baratos e acessíveis, com espaço para comentários e avaliações por parte dos clientes. As garotas atendem maior número de pessoas por dia, mas recebem menos do que trabalhando em alguns mais sofisticados como o capitalsexy.com, onde cobram um valor bem mais elevado pelo programa, mas tem que investir mais dinheiro para criar e manter seu anúncio. Observamos também, com base nos sítios abordados e nas entrevistas com as garotas, que existe uma relação de parceria entre os proprietários dos imóveis e os administradores dos sítios, na organização e financiamento da prostituição virtual em Brasília.

A partir da leitura de Elizabeth Bernstein, concluímos que o cliente de prostituição do mundo líquido parece buscar uma autenticidade demarcada, garantida por um contexto delimitado comercialmente, onde pode ter abertura de se envolver e realizar suas fantasias e fetiches com uma profissional de sua escolha. Nesse contexto de autenticidade demarcada, beijos, carícias e outras práticas mais 'íntimas' são realizadas, mas sempre protegidas pelo acordo comercial, demarcador da frágil e facilmente descartável relação. Para o *homo consumens*, esse modelo

aparece cada vez mais como uma opção de interesse, uma vez que pode desfrutar de boa parte dos deleites de uma relação sexual e afetiva superficial, sem estabelecer vínculos nem relações de interdependência, protegendo sua vida privada de qualquer consequência emocional. Dessa forma, o modelo de pista, que vinha sendo o predominante, vem entrando em declínio e perdendo espaço para o modelo virtual, onde a autenticidade demarcada parece ter mais possibilidade de ser alcançada.

Essa realidade foi observada no campo, através do contato com a prostituição da W3 Norte e com as prostitutas dos sítios socinquenta.com e capitalsexy.com, mas também foi observada por Bernstein em um contexto internacional. Esperamos que as relações que buscamos estabelecer entre os modelos de prostituição que analisamos e a estrutura socioeconômica atual, com base nos conceitos aqui trabalhados, tenham sido inteligíveis e esclarecedores. Esse trabalho foi uma breve e simplificada tentativa de compreender a complexidade do comportamento sexual e afetivo do ser humano inserido na sociedade de consumo atual, partindo da análise dos contextos locais (em Brasília) e virtuais abordados. Acreditamos que essa análise, se aprofundada, pode abrir novos horizontes para o estudo da prostituição, do comportamento humano e da modernidade como um todo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Analia Soria; CODO, Wanderley, Trabalho Sujo e Estigma: Cuidadores da Morte nos Cemitérios, Revista de Estudios Sociales [Online], 63 | Enero 2018, posto online no dia 01 janeiro 2018, consultado o 10 julho 2018. URL : <http://journals.openedition.org/revestudsoc/1270>

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. On Postmodern Uses of Sex. Theory, Culture & Society 15(3-4), 1998, pp. 19-35.

BAUMAN, Zygmunt. Vida Para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista Zygmunt Bauman à dasmagiz.ch. Disponível em: www.dasmagazin.ch/2017/01/10/zygmunt-bauman/, 2017, Acesso em: 05 de nov. 2018.

BERNSTEIN, Elizabeth. O Significado da Compra: Desejo, Demanda e o Comércio do Sexo. Cadernos Pagu (31), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2008, pp.315-362.

GIDDENS, Anthony. A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOFFMAN, Erving. Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1963.

PASINI, Elisiane. Limites Simbólicos Corporais na prostituição feminina. In: Cadernos Pagu (14), 2000, pp.181-200.

PUPO, Michelle de Paula. Sexualidades Periféricas: A Constituição das Identidades Femininas em Espaços Virtuais de Prostituição. Prelúdios, Salvador, v.5, n. 5, p.89-110, 2017.

ROBERTS, Nickie. As Prostitutas na História. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998

ROCHA, Carlos. A Etimologia de Próstata e de Prostituta. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-etimologia-de-prostata-e-de-prostituta/25613>, 2009. Acesso em: 12 de nov. 2018

SACRAMENTO, Octavio. Amor contrafeito: A emoção e a sua instrumentalização no meio prostitucional. João Pessoa-PB, Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, vol. 5, nºs 14/15, 2006, pp.158-184.

SILVA, Cyntia Cristina de Carvalho. Narrativas Sobre a Prostituição Feminina na W3 Norte: Construindo um Dispositivo. Dissertação de Mestrado, UnB, 2016.

